

**Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I, II e III**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Fabiana Margarida Cordeiro Lucas

Lisboa, julho de 2017

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I, II e III

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Fabiana Margarida Cordeiro Lucas

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2017

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste relatório foi um trabalho difícil e de muitos dias de cansaço, mas principalmente com muita força de vontade e acreditei sempre que iria conseguir, sem nunca desistir.

Quero agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, pois sem ele não seria possível frequentar e terminar o meu percurso de estudos.

Quero agradecer à minha querida orientadora Professora Doutora Violante Magalhães, que se mostrou sempre preocupada, prestável e atenciosa em ajudar-me na elaboração deste relatório. Sem a professora teria sido muito difícil, por isso, agradeço-lhe do fundo do coração toda a sua colaboração, é uma pessoa muito especial.

A todo o pessoal docente e não docente da Escola Superior de Educação João de Deus.

Aos meus pais, pois sem eles não era possível concretizar este meu percurso, obrigada por tudo.

A ti, meu querido Avô, que desejavas tanto acompanhar este meu percurso, mas infelizmente não foi possível, sei que estás bastante orgulhoso de mim.

Um agradecimento também às minhas colegas da faculdade por todo o apoio que me deram ao longo deste tempo.

Por fim, mas não menos importante, a ti, que me deste sempre força e acreditaste em mim até ao fim. Todos os gestos, palavras e atitudes foram importantes para a conclusão deste percurso. Obrigada pela pessoa que és.

RESUMO

O presente Relatório de Estágio incide sobre os estágios decorridos nos anos letivos de 2015/2016 e de 2016/2017, em três escolas de Educação Pré-Escolar, situadas em Lisboa, junto de grupos de crianças de 3, 4 e 5 anos. Estes estágios aconteceram no decorrer das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III, do Mestrado de Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação João de Deus.

Na Introdução, são definidos os objetivos da concretização deste Relatório, são brevemente caracterizadas as três escolas onde estagiei e apresentados os respetivos cronogramas do meu estágio. O primeiro capítulo engloba dez relatos vivenciados nos três locais. Sete deles correspondem ao relato de atividades observadas por mim e conduzidas pelas educadoras titulares, nas três diferentes faixas etárias; os outros três relatos dizem respeito a atividades que foram planificadas e conduzidas por mim, também com crianças de diferentes faixas etárias da educação pré-escolar. Uns e outros são objeto de reflexão, para o que recorri a diferentes autores. O segundo capítulo diz respeito à planificação. Planificar é fundamental, o educador, antes de realizar qualquer atividade com as crianças, deve, primeiro, planeá-la e só depois realizá-la. Apresento, assim, seis das diversas planificações de atividades que fiz ao longo dos semestres letivos e que realizei com grupos de crianças de diferentes idades. O Relatório é composto por um terceiro capítulo relativo à avaliação; nele apresento dispositivos de avaliação de atividades que realizei com as crianças, respetivas grelhas e gráficos de análise dessa avaliação, a fim de poder julgar as capacidades e destrezas das crianças dos respetivos grupos. No quarto capítulo apresento um projeto de trabalho sobre plantas medicinais e aromáticas para a faixa etária dos cinco anos.

Após apresentar as minhas considerações finais, indico as referências bibliográficas que usei neste Relatório, as quais me ajudaram a refletir sobre atividades, observadas e vivenciadas, planificações, avaliação e projeto relacionados com a Educação de Infância.

Palavras-chave: educação de infância, educação pré-escolar, horta de plantas medicinais e aromáticas.

ABSTRACT

This Internship Report focuses on the stages in the school years of 2015/2016 and 2016/2017, in three schools of preschool education, located in Lisbon, with groups of children aged 3, 4 and 5 years. These stages occurred in the course of the Curricular Units of Internship I, II and III, in the Master of Preschool Education, at Escola Superior de Educação João de Deus.

The first chapter covers ten reports experienced in three places. Seven of them correspond to the activities observed by me and conducted by educators, in three different ages; the other three relate to activities that were planned and conducted by me, also with children of different ages of pre-school education. They are all the object of reflection, for that I had recourse to different authors. The second chapter is about the planning. Planning is essential, because the educator, before performing any activity with the children, must first planning it and only then realizing it. I present six of the various lesson plans activities that took over the period and that is ran with groups of children of different ages. The report is composed by a third chapter on evaluation; it offer devices for evaluation of activities that ran with the children, their respective grids and graphs of analysis of this evaluation, in order to be able to judge the abilities and aptitudes of children of their groups. In the fourth chapter I present a project work on medicinal and aromatic plants for the age of five years.

After presenting my remarks, I point out the references I used in this report, which helped me to reflect on activities, observed and experienced, on planning, on evaluations and on the project related with Childhood Education.

Keywords: childhood education, pre-school education, vegetable garden and aromatic plants.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS.....	7
1.1. Descrição do capítulo	7
1.2. Relatos	8
Relato 1	8
Relato 2	9
Relato 3	11
Relato 4	12
Relato 5	14
Relato 6	15
Relato 7	17
Relato 8	19
Relato 9	20
Relato 10	21
CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES.....	24
2.1 Descrição do capítulo	24
2.2 Fundamentação teórica	24
2.3. Planificações em quadro.....	25
2.3.1. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.....	25
2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática	27
2.3.3. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	29
2.3.4. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	31
2.3.5. Planificação do Domínio da Matemática	33
2.3.6. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.....	34
CAPÍTULO 3 – AVALIAÇÃO	36
3.1. Descrição de capítulo	36
3.2. Fundamentação teórica	36
3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática	37
3.3.1. Contextualização da atividade	37
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	37
3.3.3. Apresentação e análise de resultados	39

3.4.	Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo	40
3.4.1.	Contextualização da atividade	40
3.4.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	41
3.5.	Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	44
3.5.1.	Contextualização da atividade	44
3.5.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	44
3.5.3.	Apresentação e análise de resultados	46
	CAPÍTULO 4 – PROJETO “HORTA NA ESCOLA”	48
4.1.	Fundamentação Teórica	48
4.2.	As plantas medicinais e aromáticas	49
4.3.	Trabalho Projeto	50
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
	ANEXOS.....	60
	ANEXO 1	61
	ANEXO 2	62
	ANEXO 3	64
	ANEXO 4	65
	ANEXO 5	66
	ANEXO 6	67
	ANEXO 7	68

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma do estágio profissional I.....	4
Quadro 2 – Cronograma do estágio profissional II.....	5
Quadro 3 – Cronograma do estágio profissional III.....	6
Quadro 4 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.....	25
Quadro 5 – Planificação do Domínio da Matemática.....	27
Quadro 6 – Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	29
Quadro 7 – Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	31
Quadro 8 – Planificação do Domínio da Matemática.....	33
Quadro 9 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.....	35
Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade do Domínio da Matemática.....	39
Quadro 11 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade da área do Conhecimento do Mundo.....	43
Quadro 12 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade do domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	46
Quadro 13 – Calendarização prevista para a realização do projeto.....	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Resultados da avaliação da observação do Domínio da Matemática.....	39
Figura 2 - Resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo.....	43
Figura 3 - Resultados da avaliação da observação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	46

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se nas normas para elaboração do relatório do estágio profissional referentes às unidades curriculares de Estágio Profissional I, II e III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este trabalho corresponde ao estágio efetuado na Educação Pré-Escolar, com a duração de um semestre, num total de 21 semanas.

O primeiro período de estágio ocorreu numa escola em Lisboa (que designo como escola A), no ano letivo de 2015/2016, especificamente entre 15 de fevereiro de 2016 e 22 de setembro de 2016. Neste período, foram vivenciados três momentos de estágio diferentes:

- 1.º momento, no grupo etário dos 3 anos;
- 2.º momento, no grupo etário dos 4 anos;
- 3.º momento, no grupo etário dos 5 anos.

Este estágio foi realizado semanalmente, à sexta-feira, no horário das 9 às 17 horas, num total de 7 horas.

O segundo período de estágio, no ano letivo de 2016/2017, iniciou-se no dia 10 de outubro de 2016 e foi concluído no dia 10 de fevereiro de 2017, realizando-se duas vezes por semana (terças e sextas feiras, das 9h às 17h), numa outra escola de Lisboa (que passo a nomear como escola B). Incluiu os três níveis de ensino da educação Pré-Escolar, começando no grupo etário dos 4 anos, seguindo para o grupo dos 5 anos e terminando no grupo etário dos 3 anos.

O terceiro e último período de estágio decorreu do dia 6 de março de 2017 a 7 de julho de 2017, realizando-se duas vezes por semana (segundas e sextas feiras, das 9h às 16h) numa terceira escola (escola C), também situada em Lisboa. Durante este período vivenciei igualmente três momentos distintos, passando pelas três faixas etárias.

A primeira escola onde estagiei abrange as valências da Educação Pré-Escolar e do 1.º e do 2.º Ciclos do Ensino Básico; as crianças desta escola situam-se na faixa etária entre os 3 e os 12 anos. A segunda abrange as valências de creche, de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, as crianças situam-se na faixa etária entre os 5 meses de idade e os 9 anos. Finalmente, a terceira escola

abrange as valências de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico (crianças situam-se na faixa etária entre os 3 e os 9 anos.

Nas três escolas, integradas em grupos ou em turmas, as crianças encontram-se separadas por salas, consoante as suas idades. Para além dos docentes da Educação Pré-Escolar e dos docentes do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, há auxiliares de educação e outros colaboradores que trabalham a parte administrativa.

Na escola A, o espaço físico do edifício principal da escola é composto por uma área interior, onde, para além das salas do grupo ou da turma, existem uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala multiusos, um ginásio, uma cozinha, uma cantina, casas de banho. Há também um salão que desempenha a função quer de sala de dois grupos de crianças de 4 anos de idade, quer de refeitório na hora de almoço. Noutros dois edifícios contíguos, situam-se ainda salas de Expressão Plástica e as salas para o 2.º Ciclo. O espaço exterior é constituído por dois recreios: um destinado às crianças da Educação Pré-Escolar; outro para os alunos que frequentam o 1.º e o 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Na escola B, para além das salas do berçário e das salas das crianças de, respetivamente, 1 e 2 anos, há uma biblioteca, uma sala de informática, um ginásio, uma cozinha, uma cantina, casas de banho. Há igualmente um salão que desempenha a função de sala de dois grupos de crianças de 4 anos de idade, bem como de refeitório. No exterior há dois recreios, sendo um usado pelas crianças de creche e de Educação Pré-Escolar e o outro pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Por último, a escola C tem as salas de aula, um ginásio, uma cozinha, uma cantina, casas de banho e, como as outras duas tem um salão que funciona como sala de dois grupos de crianças de 4 anos de idade, e como de refeitório. No exterior há igualmente dois espaços de recreio, sendo um deles usado pelas crianças de Educação Pré-Escolar e o outro pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A elaboração deste relatório de estágio profissional constitui um elemento imprescindível para a minha formação, enquanto futura docente, a vários níveis. Por um lado, servirá para a concretização de um objetivo: a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e, na sequência, a certificação profissional. Por outro lado, preparar e fazer este relatório permite-me aprofundar a investigação e o estudo de conceitos, ideias e métodos, que contribuirão para a construção do conhecimento sobre o ensino e o aprender a ensinar. Loughran (citado por Flores & Simão, 2009, p. 34) refere que “os alunos, futuros professores desenvolvem compreensões profundas

acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores”.

Para a produção deste relatório realizei diversas observações, traduzidas em narrativas diárias das práticas pedagógicas do grupo; relatarei também as estratégias aplicadas no contexto das atividades que planifiquei e conduzi. Estes relatos serão apresentados no capítulo 1.

No capítulo seguinte, apresento planificações de atividades que dinamizei, respetivas estratégias e materiais utilizados, junto de grupos de crianças de 3, 4 e 5 anos, nas Áreas de Conhecimento do Mundo e na da Expressão e da Comunicação, nomeadamente, nos Domínios da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à escrita.

No capítulo 3, surgem as avaliações de atividades desenvolvidas por mim junto dos grupos de crianças. Visto que se pretende que este relatório possua rigor científico, serão escolhidas ideias de diversos autores, que sustentem cientificamente as inferências apresentadas sobre os relatos, as planificações e as avaliações. Procurou-se que estas ideias fossem as mais atuais para que estivessem em conformidade com as práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula.

No último capítulo, apresento o Projeto “Vamos criar uma horta de plantas medicinais e aromáticas na escola”, pois, ao longo da observação do grupo de crianças de 5 anos, apercebi-me do interesse delas por temas de Conhecimento do Mundo. Tentei que este Projeto fosse complementado com uma perspetiva interdisciplinar.

Nóvoa (1992, p. 28) defende que a “formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas”. A concluir este Relatório, apresento, por isso, as minhas reflexões finais sobre esta experiência de estágio.

Quanto à especificação do calendário de estágio que cumpri, apresento abaixo, nos Quadros 1, 2 e 3, cronogramas de cada um dos semestres de estágio.

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional I (escola A)

Estágio Profissional I																																
Meses	Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho				Setembro							
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
Atividades																																
Momentos de estágio			X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X									X	X		
Aulas de observação													X																		X	
Aulas programadas						X						X																			X	
Pesquisa bibliográfica															X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração do relatório de estágio															X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Reuniões de orientação tutorial		X		X			X		X				X	X	X					X	X			X			X		X			

Quadro 2 – Cronograma do Estágio Profissional II (escola B)

Estágio Profissional II																		
Meses	Outubro			Novembro					Dezembro			Janeiro					Fevereiro	
Semanas	1	2	3	1	2	3	4	5	1	2	3	1	2	3	4	5	1	2
Atividades																		
Momentos de estágio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aulas de observação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aulas programadas					X	X		X									X	X
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração do relatório de estágio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Reuniões de orientação tutorial	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 3 – Cronograma do Estágio Profissional III (escola C)

Meses	Março				Abril		Maio					Junho				Julho
	2	3	4	5	1	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1
Atividades																
Momentos de estágio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aulas de observação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aulas programadas				X						X		X	X			X
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração do relatório de estágio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Reuniões de orientação tutorial		X			X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS

1.1. Descrição do capítulo

Este capítulo destina-se à narração de momentos de estágios realizados durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Apresento um conjunto de dez narrativas diárias: sete delas são referentes a práticas pedagógicas a que assisti; as outras três foram planificadas e conduzidas por mim.

Tentei abranger algumas das áreas e domínios apontados nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar – OCEP (2016), nomeadamente, a Áreas de Expressão e Comunicação (domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, da Matemática, da Educação Física, da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais) e a Área de Conhecimento do Mundo. Procurei também abranger os grupos etários de 3, 4 e 5 anos de idade.

Pretendi que cada narrativa diária envolvesse uma reflexão crítica sustentada por um enquadramento teórico. Polkinghorne (citado por Flores & Simão, 2009, p. 92) afirma que “a narrativa é a estrutura do discurso em que a acção humana recebe a sua forma e através da qual é significativa”. Por sua vez, Flores & Simão (2009, p. 42) designam esta abordagem na formação de docentes de “abordagem realista”. De acordo com os mesmos autores, as principais características desta abordagem são:

- (i) trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontaram durante o ensino e que causaram preocupações ao aluno futuro professor;
- (ii) reflexão e interacção entre os alunos futuros professores;
- (iii) reinvenção orientada;
- (iv) tem em vista acção concreta, numa determinada situação;
- (v) baseia-se nas experiências de cada um. (p. 42)

As dez atividades que irei relatar de seguida ocorreram todas nas três escolas (A, B e C) onde realizei o meu estágio, todas situadas em Lisboa.

1.2. Relatos

Relato 1

A atividade que irá ser descrita enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Aconteceu no dia 19 de setembro de 2016, na sala do grupo de crianças de 5 anos da escola A. O grupo é composto por 25 crianças.

Após a chegada à sala do grupo e depois da ida à casa de banho, as crianças, autonomamente, foram buscar o seu material à gaveta do armário da sala. A educadora escreveu no quadro a letra “i”, em letra bicuda, perguntando como se chamava aquela letra. As crianças responderam, em coro, dizendo que era a letra “i”. De seguida, a educadora escreveu a letra “u” e utilizou o mesmo esquema para que as crianças identificassem a letra. Fez o mesmo para as seguintes letras: “o”, “a” e “e”. Com giz, circundou as cinco letras e perguntou como se chamavam. As crianças responderam que eram as vogais. A seguir, a educadora perguntou porque é que se chamavam vogais, tendo as crianças respondido que se chamam vogais porque, para as lermos, utilizamos só a voz.

Após, a educadora explorou o conceito de ditongo. Começou por perguntar como se lia a letra “u” e a letra “i” juntas, ao que as crianças responderam que se lia “ui”. Desenhou a letra “a” e a letra “i” juntas, e a letra “e” e a letra “u” juntas; as crianças leram, respetivamente, “ai” e “eu”. Perguntou como se chamavam aqueles grupos de letras, tendo as crianças respondido que se chamavam ditongos, porque estavam duas vogais juntas que se leem de uma só vez.

De seguida, a educadora abriu a *Cartilha Maternal*, de João de Deus, e dinamizou a lição da letra “v”, exemplificando com a referência à palavra “vaca”, para que as crianças aprendessem a pronunciar o som “v[ee]”.

Por último, a educadora conduziu lições de *Cartilha* a um grupo constituído por seis crianças, enquanto as demais crianças realizavam fichas de trabalho referentes aos grafismos das letras aprendidas. Nesta fase, as crianças encontravam-se na escrita das vogais e estavam bastante concentradas na atividade.

Como estagiária, auxiliei as crianças na elaboração destas fichas, verificando o que cada uma já sabia fazer.

Inferências

Na atividade relatada, a educadora recorreu à *Cartilha Maternal* para lecionar as lições aos grupos. Segundo Ruivo (2009), as lições da *Cartilha* devem ser

(...) dadas a grupos de três ou quatro crianças, de preferência escolhidas entre elas. Essa pequena 'equipa' torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes. Nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa. Apesar de se trabalhar em grupo, a lição é curta, com noções bem claras e dada todos os dias durante o ciclo de aprendizagem de forma personalizada. (p. 133)

A mesma autora refere também que o Método João de Deus "é uma metodologia que requer trabalho, dedicação e esforço da parte do professor mas que tem resultados positivos no desenvolvimento das competências essenciais à leitura" (Ruivo, 2009, p. 101).

De acordo com Lopes (2005, citado em Ruivo, 2009, p. 100), a "aprendizagem é cumulativa, sendo a princípio lenta, e constrói-se sobre aprendizagens anteriores. Por isso mesmo, é necessário ter conhecimentos para desenvolver novos conhecimentos e estes devem ser estimulados desde muito cedo". Aliás, segundo Ruivo (2005),

É nesta perspectiva que o método João de Deus se insere porquanto constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estras aprendizagens. (p. 100)

Para a dinamização da letra "v", como referi, a educadora recorreu à edição da *Cartilha* em modelo de sala (56 cm x 41,5 cm). Este formato permite estabelecer uma relação próxima com as crianças, tornando-o um bom instrumento de uso. Como defende Curto (2000, citado em Ruivo, 2009, p. 133), "os livros grandes podem fazer com que a criança desempenhe um papel mais activo na aprendizagem."

Relato 2

A atividade que irá ser descrita aconteceu no dia 21 de outubro de 2016, na sala dos 5 anos, com um grupo composto por 25 crianças, na escola B. Esta atividade insere-se na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática.

A educadora distribuiu duas caixas por cada mesa e começou por abordar os atributos do material: forma, cor, tamanho e espessura. Distribuiu também uma linha de lã (linha fronteira) a cada criança e explicou a utilidade da mesma. Apresentou uns cartões com os atributos (cor, forma, tamanho e espessura) para que as crianças realizassem uma atividade de conjuntos.

No conjunto a criar pelas crianças, a peça tinha que ser amarela, de forma quadrangular, circular ou retangular, e pequena, não interessava a espessura.

A educadora pediu para cada criança procurar na sala algum objeto com a forma da peça que tinha sido descrita, bem como a cor. As crianças foram indicando portas do armário e tampos da mesa, objetos vários e peças de roupa. Para descrever a peça, a educadora cantou uma lengalenga e, com as peças que foram buscar, as crianças construíram livremente uma figura.

Inferências

De acordo com Canals (1992), citado em Caldeira (2009, p. 364), “o raciocínio lógico matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos”. Segundo Alsina e Canals (2000), citado em Caldeira (2009 p. 364), o raciocínio lógico “permite desenvolver competências ligadas à capacidade de resolver situações novas, para as quais não se conhece de antemão um processo mecânico de resolução, pelo que pode, portanto, considerar-se que se relaciona com todos os outros blocos da Matemática”. Para Alsina (2004), citado em Caldeira (2009, p. 364), “os recursos e actividades que pretendem desenvolver competências lógico-matemáticas devem estar relacionadas com situações reais, que incluem o jogo”.

O material Blocos Lógicos é um bom material para que a criança possa explorar e manipular, observando as formas, cores, tamanho e espessura. Com este material, a criança pode efetuar diversificadas construções e, neste caso, a educadora deve estabelecer regras de forma clara e apropriada à idade e capacidade das crianças. De acordo com Simons (2007), citado em Caldeira (2009, p. 365), “os blocos lógicos são um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito e estão em busca de estratégias que lhes permitam o seu enriquecimento”.

O material Blocos Lógicos é um material fácil de fazer e podem ser as próprias crianças a elaborá-lo. As peças podem ser feitas de diversos materiais, como plástico,

madeira, cartolina, mosgami ou goma eva, entre outros, desde que não seja um material perigoso para a criança. O importante é a proporção, ou seja, ter em atenção que o triângulo tem três lados, que o retângulo é o dobro da área do quadrado e que as peças grossas devem ter o dobro da espessura das peças finas.

De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016),

As crianças são sensíveis à forma a partir do primeiro ano de vida, começando por distinguir formas diferentes. Mais tarde, apesar de diferenciarem um triângulo de um quadrado, não distinguem as suas propriedades. Este processo desenvolve-se a partir da observação e manipulação de objetos com diversas formas geométricas, de modo a que, progressivamente, as crianças analisem as características das formas geométricas, aprendendo depois a diferenciar, nomear e identificar as suas propriedades (mencionar os lados e vértices do triângulo). (p. 80)

Relato 3

A atividade que irá ser descrita enquadra-se na Área do Conhecimento do Mundo e realizou-se no dia 8 de novembro de 2016, na escola B, na sala do grupo de crianças de 4 anos. O grupo é composto por 25 crianças. A duração da atividade foi de 20 minutos.

A educadora iniciou a atividade com as crianças sentadas em semicírculo e começou por apelar aos cinco sentidos, perguntando a uma criança qual o nome dos cinco sentidos. De seguida, perguntou a outra criança qual o nome do órgão que usamos para cheirar; a criança respondeu acertadamente: nariz. Continuou a atividade e perguntou a uma outra criança qual o sentido que usamos com o nariz; a criança respondeu olfato.

A educadora tinha à sua frente 5 frascos de plástico. Cada um continha uma especiaria: orégãos, alecrim, café... A educadora tapou os olhos de uma criança e pediu-lhe que cheirasse e tentasse adivinhar o que estava dentro do frasco. Fez o mesmo, sucessivamente, com as restantes crianças.

Foi uma atividade interessante, pois, o objetivo pretendido (apurar o sentido do olfato com as crianças) foi conseguido com sucesso e as crianças mostraram estar muito interessadas e participativas.

Inferências

De acordo com Bradford & Desrochers (2009), citado em Marques (2016), “o odor é um meio para atingir reações emocionais, uma vez que é avaliado como o sentido que mais se aproxima do ato emocional do indivíduo” (p. 12). É através do odor que se manifestam diversas reações, pois este influencia as atitudes emocionais das pessoas. Se o cheiro for agradável, a pessoa tem uma reação diferente de um cheiro desagradável. Este sentido está bastante próximo do ato emocional das pessoas.

Segundo Pawaskar e Goel (2014), citado em Marques (2016),

(...) o olfato é um sentido importante para a comunicação entre o indivíduo e um produto, o que sustenta o conceito de que a imagem da marca ganha em desenvolver experiências sensoriais olfativas. Por outro lado, o sentido do odor serve também como um obstáculo em certas experiências sensoriais, na medida em que cada indivíduo tem memórias diferentes e faz, desde logo, um julgamento diferente da experiência olfativa. (p. 12)

É, por isso, bastante importante que o educador explore com o seu grupo de crianças os cinco sentidos, pois é desta forma que elas entendem a sua importância e podem verificar que qualquer um dos sentidos é fundamental.

Existem diversas atividades para se trabalhar este conteúdo, como a que foi feita nesta atividade desenvolvida pela educadora. Verifiquei o entusiasmo das crianças, a vontade de participarem, a curiosidade com que iam junto dos frascos tentar descobrir o que continham.

Relato 4

A atividade que irá ser descrita foi realizada por mim no dia 15 de novembro de 2016, na escola B, junto de um grupo de crianças de 4 anos. Centrei-me no âmbito da Área do Conhecimento do Mundo e falei do tema “higiene”. Esta atividade demorou cerca de 30 minutos.

Iniciei a atividade mostrando às crianças imagens, em tamanho A3, alusivas ao tema. As imagens tinham várias ilustrações, entre elas: uma banheira com uma criança a tomar banho, um menino a lavar os dentes, outra imagem com uma criança a pentear-se e uma com um elemento a lavar as mãos.

Fui questionando as crianças sobre como se desenrolava a higiene deles em casa. Depois, perguntei-lhes o que estavam a observar, levando-as ao tema que iria ser abordado. As crianças foram participando interessadamente, dialogando como era feita a sua higiene. Depois de ouvir todas as crianças fiz a simulação do banho com o grupo, levando um boneco. Levei material adaptado ao uso do banho como: banheira, o champô, gel de banho, toalha e creme.

Comecei por sentar todas as crianças em meia-lua e todos participaram na simulação do banho. A primeira criança agarrou no boneco e colocou-o dentro da banheira. Fui sempre dizendo que iríamos imaginar que aquele boneco era um bebé. Outra criança colocou o champô e esfregou o “cabelo”, uma outra criança aplicou o gel de banho e esfregou o “corpo”. Seguidamente, chamei outro menino para enxaguar o corpo e o cabelo, e veio outro menino secar cuidadosamente o “bebé”.

Terminei a atividade com as crianças a aplicarem o creme, a vestirem o boneco, e a pentearem-no.

Foi uma atividade em que as crianças mostraram interesse e satisfação pelo que fizeram e compreenderam os principais hábitos a ter na higiene.

Inferências

A rotina da higiene diária é fundamental para a saúde das crianças. Tendo sempre em conta as necessidades e interesses das mesmas, com a atividade desenvolvida procurei que pensassem sobre esta rotina, seguindo, através da brincadeira, uma sequência semelhante aos momentos diários vividos pelas próprias crianças.

De acordo com os autores Craidy e Kaercher (2001),

(...) conseguir apurar essas dimensões da vida no grupo das crianças garante que as atividades realizadas não se transformem numa monótona sequência, que nada tem a ver com o grupo de crianças com o qual interagimos diariamente. A forma de organizar o trabalho deve possibilitar o envolvimento das crianças em sua construção, que terá dimensões diferentes se tomarmos como referência a idade das mesmas. (p. 17)

Segundo Zabalza (1998), a segurança sentida ao conhecerem a organização das rotinas proporciona às crianças autonomia e incentiva a necessidade de aprender como se processa cada momento, permitindo-lhes assim sentirem-se “mais donos do seu tempo e mais seguros, pois sabem o que fazer” (p. 170).

No que diz respeito às rotinas de higiene, os pais devem incentivar a autonomia dos seus filhos, dando-lhes oportunidades e liberdade para realizarem diversas tarefas. Devem ajudá-los, mas não fazerem as coisas por eles.

Relato 5

A atividade que irá ser descrita foi realizada por mim na escola B, no dia 6 de dezembro de 2016, junto de um grupo de crianças de 5 anos. Centrei-me no Domínio da Matemática, trabalhando o material *Cuisenaire*.

Iniciei esta atividade com as crianças sentadas nos respetivos lugares, dizendo que iriam trabalhar a pares e que cada par tinha nas mesas uma caixa de *Cuisenaire*.

De seguida, perguntei se conheciam o material e como se chamava, com o objetivo de conhecer as conceções prévias das crianças. Fui explorando o material, fazendo questões dirigidas às crianças, perguntando qual a peça mais importante do material *Cuisenaire* e porquê. As crianças responderam que a peça branca é a mais importante, porque é a que serve para medir todas as outras peças. Perguntei também a quantas unidades corresponde a peça cor de laranja e pedi a uma criança que dissesse quais as cores das peças que correspondem a números ímpares.

Continuei a atividade referindo às crianças que iríamos realizar um itinerário e expliquei que o mesmo consistia na elaboração de um caminho.

De seguida, terminei a minha atividade, distribuindo um itinerário incompleto e comecei por dizer o caminho pretendido, com o objetivo das crianças o preencherem com as peças do material *Cuisenaire*.

Inferências

Nesta atividade do Domínio da Matemática, utilizei o material matemático estruturado *Cuisenaire*, e apresentei as noções básicas deste material. Procurei trabalhar o raciocínio lógico das crianças. Segundo Caldeira (2009),

(...) as crianças beneficiam quando há manipulação de materiais desde muito cedo; os materiais funcionam como mediadores, levando a criança a construir mentalmente as representações abstractas dos conceitos que concretizam; a utilização de materiais permite desenvolver o raciocínio matemático e a capacidade das crianças resolverem problemas no quotidiano; o ensino-

aprendizagem deve incidir em estratégias criativas e a resolução de problemas. (p. 31)

Caldeira (2009, p. 15) refere que “o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem”. Defende ainda esta autora que

(...) é fundamental não esquecer que a utilização de materiais, por si só, não traduz uma aprendizagem eficaz e significativa da matemática, que desse ser um processo, activo, vivenciado pela criança, onde pode explorar, desenvolver, testar, aplicar ideias, reflectir de modo a serem um meio e não um fim. (p. 32)

Os materiais manipuláveis são, por isto, fulcrais na aprendizagem da criança, tonando o abstrato em concreto. Com eles, a criança pode manipular e interiorizar o que está a aprender.

Ferreira (2011) comenta a forma como um docente deve encarar a Matemática e como esta, por sua vez, deve ser refletida na prática letiva. Segundo este autor,

(...) a ênfase da Matemática escolar não está na aquisição de conhecimentos isolados e no domínio de regras e técnicas, mas sim na utilização da Matemática para resolver problemas, para racionar e para comunicar, o que implica a confiança e a motivação pessoal para fazê-lo. (p. 3)

Serrazina (citada em Ferreira, 2011), escrevendo sobre a Aprendizagem da Matemática, defende a importância da utilização de materiais manipuláveis por estes serem “objectos, instrumentos ou outros media que podem ajudar os alunos a descobrir, a entender ou consolidar conceitos fundamentais nas diversas fases da aprendizagem” (pp. 21-22).

Relato 6

No dia 20 de janeiro de 2017, a atividade que irá ser descrita foi realizada por mim com um grupo de crianças de 3 anos da escola B. Estavam presentes 23 crianças. Foquei-me no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contando a história do livro *A que sabe a lua*, de Michael Grejniec.

Iniciei a minha atividade com o grupo de crianças sentado em semicírculo, à minha frente. O grupo estava atento e curioso para ouvir a história, pois não a conheciam. Tinha feito um livro em formato A3 para que fosse mais visível para as crianças. Comecei por dizer às crianças que, ao longo da história, iriam ajudar-me a completar a mesma através de imagens móveis. Levei imagens plastificadas cópias

das ilustrações do livro, com *bostik* no verso para poderem ser coladas no livro artesanal que tinha construído.

A história fala sobre diversos animais e pretendia que as crianças fossem participando, colocando as imagens dos animais no livro.

À medida que contava a história, ia perguntando a cada criança se sabia qual o animal que íamos colocar na página a seguir, e se conhecia o animal, se algum dia tinha visto e se sabia qual o som que esse animal emite.

Concluí a atividade fazendo algumas perguntas dirigidas às crianças, como, entres outras questões, qual o nome do primeiro animal que tínhamos falado na história, quais os animais referidos na mesma, se era um animal pequeno ou grande, um animal doméstico ou selvagem.

Inferências

Contei a história *A que sabe a lua*, de Michael Grajniec, trabalhando assim a literatura infantil e, conseqüentemente, a estimulação para a leitura de textos literários e de outros tipos de texto, bem como o desenvolvimento da linguagem oral.

O uso da literatura infantil na Educação Pré-Escolar é importante para as crianças, pela imaginação que proporciona, pelo contacto com a língua que, de uma forma especialmente cuidada, é usada nos textos literários. Sejam usadas histórias tradicionais, poemas ou contos propositadamente escritos para crianças, todos estes géneros ajudarão à formação de um futuro leitor. *A que sabe a lua* é um conto literário propositadamente escrito para a infância. A utilização destes textos literários de autor, como defende Magalhães (2008), “assume-se como prioritária no Jardim-de-Infância e não deveria esperar, em circunstância alguma, pela aprendizagem formal da leitura” (p. 63).

Além da importância no desenvolvimento da imaginação e da linguagem, “numa sociedade de cultura escrita como é a nossa” (Magalhães, 2008, p. 55), a prática de leitura tem de ser estimulada. Segundo esta autora, o educador

(...) precisa de induzir hábitos de leitura, pondo o aluno, quotidianamente, em contacto com o livro e com outros suportes. Nos livros a usar, deverão conviver álbuns e livros profusa e criteriosamente ilustrados (primordiais para crianças pequenas), livros do tipo informativo, de divulgação (a propósito da iniciação à arte, a temas de vida, a jogos lógicos, etc.), e também livros literários. (p. 62)

Ao fazê-lo, acrescenta Magalhães, oferece hipóteses às crianças de se virem a tornar “futuros leitores que pratiquem livremente a leitura (ou seja, que aprendam a ler, de maneiras diferentes, cada distinto tipo de texto, incluindo, claro, o literário)” (p. 59).

Quanto ao desenvolvimento do domínio da linguagem oral, sendo este “fundamental na educação pré-escolar como instrumento de expressão e comunicação que a criança vai progressivamente ampliando e dominando” (Silva *et al.*, 2016, p. 6), nada melhor do que uma história escutada e, depois, comentada com as crianças, para ajudar a cumprir este objetivo.

O motivo pelo qual sentei o grupo de crianças em semicírculo foi para que, por um lado, me ouvissem todos; por outro, para que fosse possível que todas as crianças vissem as imagens do livro. Krantz e Risley (1972, citado em Arends, 1995, p. 88) afirmam “que quando os alunos se amontam à volta do professor durante a leitura estão menos atentos do que quando se sentam em semicírculo à volta do professor”.

Relato 7

A atividade que irá ser descrita aconteceu numa sala dos 5 anos, da escola B, com um grupo composto de 25 crianças, no dia 7 de março de 2017. Enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática.

A educadora pediu às crianças ‘chefes de grupo’ para distribuírem às outras crianças que estavam ao seu lado direito algarismos móveis e às crianças que estavam ao lado esquerdo palhinhas. As crianças do lado direito trabalhariam apenas com os algarismos, enquanto as crianças do lado esquerdo trabalhariam com as palhinhas. De seguida, trocariam o material.

A educadora apresentou um placard grande e imagens móveis e começou a descrever uma situação problemática: “A Maria mora perto do aeroporto e ontem reparou que levantaram voo dois aviões”. As crianças foram colocar dois aviões ao placard. A educadora continuou, dizendo que “Um dos aviões levava uma dezena de passageiros”. As crianças representaram uma dezena com as palhinhas e com os algarismos. De seguida, disse que o avião continuava o seu percurso para outro país, mas quando parou em Espanha entrou meia dezena de passageiros. As crianças representaram a indicação dada para saber quantos passageiros viajaram no total ($10+5=15$).

A educadora continuou a situação problemática dizendo: “A Maria quando chegou a casa reparou que o vizinho ia viajar e levava o carro com a bagagem cheia. Ele, a esposa e os dois filhos, levavam, cada um, um par de malas.

A educadora explicou a operação chamando 4 alunos que representavam a família do vizinho. Cada criança tinha um par de palhinhas na mão. Perguntou-lhes quantos pares de malas levou a família.

Inferências

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), citado em Caldeira (2009, p. 318), classificar e ordenar constituem um dos “processos matemáticos que as crianças realizam. O educador deve explorar, atribuindo-lhe intenção matemática, isto é, deve explicar e relacionar as actividades da classificação e ordenação com os temas matemáticos a tratar”.

É importante que a criança consiga classificar, por exemplo, quando a criança agrupa objetos formando conjuntos. Isto motiva as crianças e solidifica as aprendizagens matemáticas.

O material palhinhas é fundamental para que as crianças trabalhem os conjuntos, podendo formar conjuntos de cores, tamanhos, espessura, entre outros. De acordo com Silva *et al.* (2016),

As crianças discriminam quantidades desde muito cedo e parecem também ter um sentido aritmético precoce que é evidente quando, por exemplo, têm a ideia de que, quando se junta mais um elemento, a quantidade resultante fica maior. Muitas vezes as crianças aprendem a recitar a sequência numérica, sem, no entanto, terem o sentido de número. É através de experiências diversificadas que as crianças vão desenvolvendo o sentido de número, que diz respeito à compreensão global e flexível dos números, das operações e das suas relações. (p. 76)

Estas autoras mencionam ainda que

À medida que as crianças vão desenvolvendo o sentido de número nas suas experiências de contagem, passam a ser capazes de pensar em números sem necessidade de os associar a objetos concretos. Também na comparação de quantidades de objetos se nota a mobilização gradual de estratégias mais complexas”. (p. 76)

É fundamental que desde cedo se incentive e ajude as crianças a desenvolver o reconhecimento dos números. Por volta dos 2/3 anos de idade, as crianças já devem distinguir alguns números, pois observam-nos no seu quotidiano.

Muitas crianças têm a noção de que, quando juntam seja o que for, a quantidade fica maior, mas muitas das vezes não conseguem distinguir os números. Na minha opinião, é essencial que, desde cedo, uma educadora prepare as crianças através de experiências diversificadas, para que estas consigam desenvolver o sentido do número.

Relato 8

A atividade que irá ser descrita, do âmbito da Área do Conhecimento do Mundo, aconteceu na escola C, numa sala de crianças de 5 anos, com um grupo de 25 crianças, no dia 13 de março de 2017.

As crianças regressaram do recreio, chegaram à sala e sentaram-se em semicírculo. A educadora mostrou às crianças imagens reais de várias espécies de mamíferos, perguntando quais as três principais características dos mesmos. As crianças responderam que todos os mamíferos têm pelo, nascem da barriga da mãe e bebem leite materno.

As crianças observaram imagens do porco, da ovelha e da vaca. A educadora perguntou o que fornecem estes animais e as crianças responderam que a vaca e o porco fornecem carne. A educadora perguntou também o que se pode fazer com o pelo da ovelha; as crianças disseram que se podia fazer roupa, por exemplo, casacos e camisolas de lã. As crianças observaram uma imagem em que a ovelha estava a ser tosquiada. A educadora explicou que depois de a lã ser lavada e tratada é tingida e, assim, serve para fazer roupa e acessórios de lã.

A atividade demorou cerca de meia hora e, durante este tempo, as crianças foram participativas e revelaram curiosidade.

Inferências

De acordo com Silva *et al.* (2016),

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. Ao iniciar a educação pré- escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos instrumentos e máquinas do seu quotidiano. (p. 85)

Ao mostrar imagens dos animais sobre os quais, posteriormente, conversou com as crianças, a educadora estava a fazer com que observassem diferentes animais e procurassem ser elas a reconhecer as características de cada um deles, falassem sobre o conhecimento já adquirido por elas. Como defendem Astolfi, Darot, Ginsburger-Vogel e Toussaint (2000),

A didáctica das ciências define-se por uma nova centralização nos conteúdos do ensino específico. Não deve interpretar-se como um interesse exclusivo pelos saberes, em detrimento dos aspectos metodológicos, que deles se encontrariam afastados, senão mesmo negados. O que, na realidade, a fundamenta é a tomada de consciência de que existem dificuldades de apropriação que são intrínsecas aos saberes, dificuldades essas que é necessário diagnosticar e analisar com grande exactidão, para que os alunos sejam bem sucedidos. (p. 7)

Nas OCEP (Silva *et al.*, 2016), indica-se como é fundamental que a criança se reconheça

(...) como ser vivo com características e necessidades semelhantes às dos outros seres vivos (crescimento, nutrição, abrigo, etc.); conhece diferentes animais, diferenciando-os pelas suas características e modos de vida (aquáticos/terrestres, com e sem bico, com e sem pelo, aves/peixes/mamíferos, domésticos/selvagens, etc.). (p. 91)

Um dos suportes que não deve faltar nestas atividades são os vídeos, pois, ao visualizarem vídeos de acontecimentos reais, a criança tem outra perspetiva da realidade.

Relato 9

A atividade que irá ser descrita enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação, no Subdomínio das Artes Visuais. Aconteceu no dia 17 de março de 2017, na escola C, na sala de um grupo de crianças de 5 anos. Este grupo é composto por 25 crianças. A duração da atividade foi de 20 minutos.

A educadora pretendia obter a dobragem do papagaio. Para isso, distribuiu às crianças pedaços de papel com a forma de um quadrado. De seguida, foi explicando, passo a passo, como é que as crianças deveriam dobrar o papel. Ela mostrava-lhes como fazer a dobragem, fazendo a atividade a uma altura elevada, para que todas as crianças conseguissem observar.

À medida que a educadora ia mostrando como fazer, as crianças iam concretizando, não aparentando qualquer dificuldade e mostrando grande entusiasmo.

No fim, a educadora pediu às crianças para colarem a dobragem feita numa folha branca, que lhes tinha entregado, e para concluírem o desenho livremente. A maior parte das crianças desenhou o fio do papagaio e uma figura humana a agarrar o fio, e acrescentaram o sol, as nuvens.

Inferências

De acordo com Silva *et al.* (2016), “as artes visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (p. 49). Estas autoras chamam a atenção para que “as crianças têm prazer e explorar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (p. 49).

É fundamental que as crianças manipulem e usem materiais diversificados, como sucedeu na atividade relatada, porque, para além de gostarem, são atividades que conseguem alargar a criatividade. Ora, a atividade criativa, como explicado por Gonçalves (1991),

(...) implica o prazer de fazer, a curiosidade, o estudo e uma predisposição natural para experimentar o que ainda não se sabe. Experimentação ativa e direta, que alterna com momentos de pausa para refletir sobre o resultado a que se vai chegando. É a partir do que se faz e do que se pensa sobre o que se faz que se constituem os vetores de uma motivação interior. (p. 25)

Relato 10

A atividade que irá ser descrita enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Educação Física. Aconteceu no dia 8 de maio de 2017, na sala do grupo de crianças de 3 anos. O grupo é composto por 25 crianças. Esta atividade demorou cerca de 30 minutos.

A educadora levou o grupo de crianças para o ginásio e começou por explicar o que iria ser feito. Elaborou quatro circuitos pelos quais as crianças teriam de passar. O primeiro circuito era composto por sete arcos e o objetivo era que as crianças conseguissem saltar para dentro dos arcos, fazendo o jogo da macaca. No seguinte, a educadora colocou dois bancos compridos e as crianças teriam de passar em cima dos mesmos, em marcha lenta. O material do terceiro circuito eram dois pinos sobre

os quais as crianças tinham de dar saltos de tesoura. Por fim, no último circuito existia uma bola 'saltitona' e o objetivo era que as crianças se colocassem em cima da bola e saltassem agarradas à bola.

Terminados estes exercícios, a educadora tocava uma pandeireta, sinal de que as crianças teriam de correr livremente por todo o espaço do ginásio. A atividade terminou com a educadora a pedir às crianças que se deitassem no chão do ginásio, de barriga para cima e de olhos fechados, com o objetivo de acalmarem.

As crianças colaboraram em todos os exercícios do circuito, parecendo demonstrar interesse e satisfação e interagirem bem entre todas elas. O momento em que pareceram mais alegres foi o correspondente à corrida livre, que tinham de fazer sempre que ouvissem o som da pandeireta.

Inferências

Como nos diz Jesus (2012), é o “Domínio Motor e os aspetos que o mesmo implica, que condicionam, decisivamente, a qualidade e quantidade do movimento que o sujeito pode realizar” (p. 18). Assim, na Educação Pré-Escolar, é fundamental haver atividades neste Domínio, para que as crianças cresçam com uma melhor aprendizagem da motricidade.

Na atividade que relatei, a educadora usou o ginásio e teve que escolher materiais adaptados para a realização da tarefa (arcos, bancos, pinos e bola 'saltitona'). Assim, na preparação de atividades neste Domínio, é necessário ter em conta a escolha dos materiais, bem como o espaço disponível – sempre com a preocupação de que não exista qualquer perigo para as crianças. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva *et al.*, 2016), podemos ler:

O desenvolvimento da Educação Física pode apoiar-se em materiais existentes na sala de aula e no espaço exterior (recreio, parques infantis matas, etc.) ou ter lugar em espaços apetrechados para o efeito (ginásios). Os diferentes espaços têm potencialidades próprias, cabendo ao/à educador/a tirar partido de contextos, situações e materiais (...)

A Educação Física é também um espaço privilegiado de brincar em que o/a educador/a cria condições de exploração livre do espaço e do movimento, permitindo que a criança invente os seus movimentos, tire partido de materiais, coloque os seus próprios desafios e corra riscos controlados, que lhe permitam tornar-se mais autónoma e responsável pela sua segurança. (p. 44)

Como descrito, as crianças tiveram oportunidade de seguir os circuitos e de correr livremente, sendo este o momento preferido delas. Ao praticar estes dois tipos de exercício, foi possível “desenvolver as suas capacidades motoras e de expressão,

bem como a apropriação e o domínio do espaço e dos materiais, sendo ainda um contributo para a aprendizagem de diversas formas de relacionamento com os outros (cooperação ou oposição)” (Silva *et al.*, p. 44).

A criança quando inicia a educação pré- escolar, ou seja, aos 3 anos de idade, à partida, já consegue andar, correr, saltar, entre outras aquisições. De acordo com Silva *et al.* (2016),

A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos vários segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao espaço exterior – esquerda, direita, em cima, em baixo, etc. (p. 45)

As relações sociais são um ponto forte no quotidiano das crianças. Têm os amigos com quem brincam mais, têm aqueles com quem não gostam tanto de brincar, o que faz parte desta faixa etária. No entanto, como observado, durante esta atividade interagiram bem entre todas. Como esclarecem Silva *et al.* (2016),

(...) ao jogar com os outros, a criança envolve-se numa diversidade de interações sociais propiciadas por diferentes formas de organização (individual, a pares, em equipas, tais como jogos de perseguição, de imitação, etc.), que apelam não só à cooperação, mas também à oposição (jogos só com opositores; com opositores e objetos; com opositores, com objetos e com o espaço do jogo) situações que podem ser encontradas em muitos jogos tradicionais. (p. 45)

CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES

2.1 Descrição do capítulo

Este capítulo destina-se à apresentação de algumas das planificações elaboradas ao longo do meu estágio. Após uma breve fundamentação teórica, as planificações de atividade desenvolvidas no decorrer do estágio profissional que escolhi serão apresentadas em quadro; seguem-se-lhes as respetivas fundamentações teóricas.

Apresento seis planificações de atividades que conduzi, respetivas estratégias e materiais utilizados. Estas abrangem a Área da Expressão e Comunicação, nomeadamente o Domínios da Matemática e o da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e a Área do Conhecimento do Mundo. Estas planificações foram destinadas às três faixas etárias da educação pré-escolar e estão divididas da seguinte forma: duas planificações para os três anos; duas para os quatro anos e duas para os cinco anos.

As planificações apresentadas estão divididas da seguinte forma: refere-se a Área/ Domínio que iremos trabalhar; os conteúdos/componentes que pretendemos desenvolver; as estratégias que iremos levar avante; os recursos de que iremos necessitar para pôr em prática as estratégias definidas.

2.2 Fundamentação teórica

A planificação tem como principal objetivo estruturar a atividade que pretendemos desenvolver. De acordo com Zabalza (1994),

(...) em termos gerais trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção. Escudero diz-nos tratar-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro o possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (p. 47)

Assim, é necessário a elaboração de planificações para clarificar todas as nossas ideias e tornar perceptível a atividade que iremos realizar.

Existem diversas razões pelas quais se deve planificar. Clark e Yinger (1979, citado em Zabalza, 1994, p. 48) perguntaram a um grupo de professores e as razões dadas foram: planificar para satisfazer necessidades pessoais (medos e ansiedades); planificar para determinar objetivos a alcançar e quais os conteúdos que iam ser

dados; para existir uma preparação de materiais e atividades; e, por fim, planificar estabelecendo estratégias de atuação (organização dos alunos, como iniciar atividades, marcos de referência para a avaliação).

Segundo Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 65), o plano de organização e sequência do processo de ensino-aprendizagem explicita os tipos de estratégias e atividades. Para além disso, importa perceber os níveis de planificação. Existem cinco níveis de planificações: anuais; de período; de unidade; semanais e diárias. Como avisa Arends (1995), “planificar o que se vai fazer amanhã é muito diferente de planificar o que se vai fazer durante um ano inteiro. Mas ambas as planificações são importantes” (p. 54).

2.3. Planificações em quadro

2.3.1. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Quadro 4- Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Escola: Orientador (a) cooperante: Faixa etária: 4 anos Data: 8 de novembro de 2016		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas Ano: 1º Turma: A Nº: 8	
ÁREA/DOMÍNIO: Conhecimento do Mundo			
Hora	Componentes/Conteúdos	Estratégia	Recursos
11:15h – 11:45h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alimentação Saudável; ▪ Frutas; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pedir às crianças para formarem uma roda e relembrar a canção da alimentação; ▪ Sentar as crianças m semi-círculo, utilizando o espaço do salão; ▪ Conhecer as concepções prévias das crianças sobre a fruta, colocando perguntas dirigidas; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ex.: <i>As frutas são alimentos saudáveis?</i> ▪ <i>Deve estar representado na roda dos alimentos?</i> ▪ Mostrar algumas peças de fruta, falando da sua importância, da sua origem (árvore) e referir que não há todo o tipo de frutas durante todo o ano; ▪ Mudar de espaço, colocar as crianças à volta das mesas; ▪ Distribuir a cada criança um kit (avental, chapéu) e respetivos ingredientes para a atividade; ▪ Explicar a atividade que vão realizar: batido de frutas; ▪ Realizar o batido de frutas com a ajuda das crianças; ▪ Distribuir o batido em copos a cada criança; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Kit: avental, chapéu ▪ Diferentes peças de fruta; ▪ Toalhas de plástico; ▪ Garfos/colheres de plástico; ▪ Pratos de plástico ▪ Leite; ▪ Copos; ▪ Batedeira ou liquidificador; ▪ Toalhitas;

Fundamentação teórica

O quadro 4 refere-se a uma atividade inserida na Área do Conhecimento do Mundo, a realizar com crianças de 4 anos da escola B. Segundo Silva *et al.* (2016), esta Área

(...) enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, e pelo contacto com novas situações que suscitem a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender. (p. 88)

Iniciei esta atividade organizando o espaço e pedindo às crianças para se colocarem em roda, após o que relembrámos a canção sobre o tema da alimentação. Segundo Arends (1995, p. 97), “a maneira como o espaço é usado afecta a atmosfera de aprendizagem das salas de aula, influencia o diálogo e a comunicação e tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos”.

De seguida, fiz algumas questões dirigidas às crianças com objetivo de conhecer as concepções prévias das mesmas. Pretendia estimular e que as crianças verbalizassem as concepções de cada uma, pois segundo Silva *et al.* (2016):

A abordagem do Conhecimento do Mundo parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem. A exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes. (p. 88)

Ao longo desta atividade mostrei algumas peças de fruta, falando da sua origem (árvore) e referindo que não há todo o tipo de frutas durante todo o ano. Todas as crianças pegaram e cheiraram as diversas peças de fruta.

Continuei a atividade, mudando as crianças de espaço, colocando-as à volta das mesas. Como recurso para esta atividade distribuí a cada criança um kit, composto por avental, chapéu de cozinheiro e os respetivos ingredientes para a atividade, para que pudessem explorar e visualizar o que iria ser feito.

Expliquei que íamos realizar um batido de frutas e como teríamos de o fazer. Para finalizar a minha atividade, coloquei os batidos em copos para que as crianças os pudessem beber.

2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática

Quadro 5 - Planificação do Domínio da Matemática

Escola:		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas		
Orientador (a) cooperante:		Ano: 1 ^o Turma: MEPE		
Faixa etária: 3 anos		Nº: 8		
Data: 20 de janeiro de 2017				
ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO				
Hora	Domínio	Componentes/Conteúdos	Estratégias	Recursos
10:10h – 10:30h	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> Correspondências; Construir no espaço; Raciocínio lógico 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar o espaço, sentar as crianças nos respetivos lugares à volta das mesas; Apresentar uma história alusiva ao material que iremos trabalhar; Distribuir o material apresentado na história, blocos lógicos, pelas respetivas mesas; Distribuir uma nuvem feita em placa EVA a cada criança para fazerem as respetivas construções em cima; Explorar as características do material colocando algumas perguntas dirigidas: <ul style="list-style-type: none"> Ex.: <i>As nossas peças são todas da mesma forma?</i> <i>Quantas cores podem encontrar neste material?</i> <i>São todas peças grandes?</i> <i>Qual a característica que falta?</i> Apresentar duas construções (foguetão e astronauta) e pedir às crianças para as representarem no lugar; Deixar as crianças explorarem livremente o material; 	<ul style="list-style-type: none"> História dos Blocos; Blocos Lógicos Nuvens feitas em EVA; Cartões com construções;

Fundamentação teórica

O quadro 5 refere-se a uma atividade a realizar com crianças de 3 anos da escola B. A atividade inseria-se na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Matemática.

De acordo com Silva *et al.* (2016), é fundamental que no jardim de infância se explore o Domínio da Matemática, pois

(...) a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia a dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras. (p. 77)

A atividade proposta visava a construção de figuras com Blocos Lógicos. Estes são um material estruturado que tem quatro atributos: a cor, a forma, o tamanho e a espessura. Alcina (2004, citado em Caldeira, 2009, p. 365) refere que “os blocos lógicos têm 11 atributos, que são as diferentes variantes dessas qualidades, estes combinam-se entre eles de todas as formas possíveis, dando lugar a 48 combinações possíveis”.

Iniciei a atividade contando uma pequena história alusiva ao tema e com as crianças sentados nos lugares. De seguida, lembrei os quatro atributos do material em questão, pedindo a colaboração das crianças. Pedi a duas crianças que distribuíssem umas nuvens feitas em ‘eva’ para que cada criança elaborasse a sua construção por cima da nuvem.

Após, distribuí também uns cartões com o figurino das construções pretendidas, para que as crianças as observassem e as copiassem para a nuvem. Continuei a atividade explorando o material e fazendo questões dirigidas às crianças, de forma a que observassem as formas, as cores, o tamanho e a espessura do material blocos lógicos.

Concluí esta atividade deixando que as crianças explorassem o material livremente, pois, segundo Caldeira (2009), a exploração do material manipulável é “uma atividade necessária e indispensável para a aquisição de competências matemáticas” (p. 33).

2.3.3. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 6 - Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Escola:		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas		
Orientador (a) cooperante:		Ano: 1 ^o Turma: MEPE		
Faixa etária: 3 anos		N ^o : 8		
Data: 20 de janeiro de 2017				
ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO				
Hora	Domínio	Componentes/Conteúdos	Estratégias	Recursos
9:55h – 10:10h	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	★ A Lua	<ul style="list-style-type: none"> Formar uma roda com as crianças, fazer alguns exercícios de descontração; Sentar as crianças em semi-círculo; Apresentar a história em A3: "A que sabe a Lua" Pedir a ajuda das crianças para completarem a história colocando as imagens dos animais, que se encontram no chão, na respetiva página da história; Colocar algumas perguntas dirigidas sobre os animais que estão representados nas imagens: <i>Ex.: Como faz esse animal?</i> <i>Já alguma vez viste esse animal?</i> <i>Quantos animais tinha a nossa história?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> História em A3; Imagens móveis

Fundamentação teórica

O quadro 6 refere-se a uma atividade realizada com crianças de 3 anos, da escola B, e enquadra-se no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

De acordo com as Orientações Curriculares, “a aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 64).

Iniciei esta atividade fazendo alguns exercícios de descontração, pois as crianças tinham acabado de realizar outra atividade. De seguida, sentei as crianças em semicírculo e comecei por apresentar a história *A que sabe a lua*. No chão, tinha

imagens móveis dos animais que pertenciam à história e pedi às crianças para completarem a história colocando as imagens nas respectivas páginas.

À medida que contava a história ia perguntando a cada criança se sabia qual o animal que vinha a seguir, e ia dando pistas com o objetivo das crianças adivinharem o nome do animal - por exemplo, no caso da girafa, disse que era um animal com um pescoço muito grande.

No final da história, concluí a minha atividade colocando algumas perguntas dirigidas. Estas tinham por objetivo ver se as crianças tinham estado concentradas na história, bem como treinar a memória. Fui perguntado qual tinha sido o primeiro animal da história, como faz esse animal, se é um animal grande ou pequeno, entre outras questões.

Para além da vantagem de lhes estar a apresentar um texto literário, que trabalha a imaginação, é bastante importante desenvolver a linguagem das crianças na educação pré-escolar, pois é a partir desta fase que começam a construir frases e a expressar ideias. Quando as crianças chegam a esta idade, é fundamental que o seu léxico seja alargado através de interações com o educador e com outras crianças.

De acordo com Silva *et al.* (2016), “a linguagem oral é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes” (p. 60). Estas autoras referem também que “nestas idades, a aprendizagem de uma segunda língua ocorre de uma forma relativamente espontânea, desde que sejam assegurados às crianças comunicacionais adequados” (p. 61).

O educador deve ter a capacidade de ouvir a criança e de valorizar a sua participação, ouvindo todo o grupo, de modo a dar oportunidade a que todos possam falar e ouvir.

2.3.4. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 7 - Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Escola:		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas		
Orientador (a) cooperante:		Ano: 1º Turma: MEPE		
Faixa etária: 5 anos		Nº: 7		
Data: 6 de dezembro de 2016				
ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO				
Hora	Domínio	Componentes/Conteúdos	Estratégias	Recursos
9:15h – 10h	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	✓ Cartilha Maternal	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças nos respetivos lugares; • Distribuir a cada aluno duas fichas de consolidação das lições aprendidas; • Chamar grupos de alunos para a lição da cartilha; 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartilha Maternal; • Ficha de Trabalho; • Tapetes de picotagem e picos; • Cola;

Fundamentação teórica

O quadro 7 refere-se à planificação de uma atividade realizada com crianças de 5 anos, de um grupo da escola B. Tinha como objetivo desenvolver a consciência linguística e a abordagem à escrita.

Segundo Silva *et al.* (2016), a consciência linguística tem de ser explorada diariamente em jardim de infância, contribuindo para uma exploração fonética e lexical da língua. Assim, as

(...) formas de exploração de sons e de palavras levam a que as crianças se comecem a aperceber que a língua é não só um meio de comunicação, mas também um objeto de reflexão, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais complexa e estruturada sobre a forma como é constituída, e como se organizam os seus elementos (p. 64).

Iniciei esta atividade distribuindo às crianças duas fichas de trabalho das lições aprendidas. Nestas fichas, as crianças teriam que completar a palavra com a letra da lição aprendida anteriormente e também fazerem a picotagem da mesma. De seguida, pintavam as imagens. Em seguida, enquanto o grupo trabalhava na atividade que tinha sido explicada, chamei três crianças para rever a lição da letra “ceke” e para avançarem na leitura de palavras.

A primeira condição para ensinar o método João de Deus é o estudo da fala, desenvolvendo-se assim uma metodologia que, segundo o próprio João de Deus (1876, citado em Ruivo, 2009),

(...) não apresenta os 6 ou 8 abecedários do costume, senão um, do tipo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem, de modo que, em vez do principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis. (p. 114)

Ainda de acordo com Ruivo (2009), com este método “a criança familiariza-se com as letras e os seus valores fonéticos, pois, já no seu tempo, João de Deus evidenciava a relação estreita entre o domínio da linguagem e o da leitura/ escrita” (p. 114). A autora refere também que

João de Deus valorizou os aspectos visuais apresentando as palavras segmentadas por sílabas recorrendo aos tons preto/ cinzento. O recurso a estruturas gráficas artificiais, indicando a divisão da palavra em sílabas gráficas, permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica (e sonora) das mesmas. A metodologia de João de Deus recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão inseridas. (p. 115)

Concluí esta atividade verificando as fichas de trabalho das restantes crianças do grupo.

2.3.5. Planificação do Domínio da Matemática

Quadro 8 - Planificação do Domínio da Matemática

Escola:		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas		
Orientador (a) cooperante:		Ano: 1 ^o Turma: MEPE		
Faixa etária: 5 anos		N ^o : 7		
Data: 6 de dezembro de 2016				
ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO				
Hora	Domínio	Componentes/Conteúdos	Estratégias	Recursos
10:15h – 11h	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Itinerários; ✓ Associação quantidade-cor; ✓ Sentido do número; 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças nos respetivos lugares; • Conhecer as concepções prévias dos alunos; • Explorar as características do material através de perguntas dirigidas; • Distribuir o material pelas respectivas mesas; • Resolver situações problemáticas envolvendo os conteúdos referidos; • Explicar no que consiste um itinerário; • Distribuir as fichas dos itinerários para os alunos realizarem 	<ul style="list-style-type: none"> • Cuisenaire • Ficha/itinerário

Fundamentação teórica

O quadro 8 refere-se a uma planificação de uma atividade realizada com crianças de um grupo de 5 anos da escola A.

De acordo com Caldeira (2009, p. 126), “o material *Cuisenaire* possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” Considerei este o material mais adequado para introduzir este conteúdo nesta faixa etárias, pois, segundo Alsina (2004, citada em Caldeira, 2009),

(...) as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p. 126)

Iniciei esta atividade com as crianças sentadas nos respectivos lugares. De seguida, perguntei se conheciam o material e como se chamava, com o objetivo de conhecer as concepções prévias das crianças.

Fui explorando o material fazendo questões dirigidas às crianças, perguntando qual a peça mais importante do material *Cuisenaire* e porquê. Dei continuidade a esta atividade dizendo às crianças que iríamos realizar um itinerário e expliquei-lhes que o mesmo consistia em elaborar um caminho, mas que este caminho, para ser elaborado, tinha as suas regras. Pedi a duas crianças para distribuírem as respetivas fichas para começarem a fazer o itinerário. De seguida, fui ditando o itinerário pretendido e as crianças foram colocando as peças nos respetivos lugares. Dei, assim, por terminada a minha atividade.

De acordo com as OCEP (Silva *et al.*, 2016), o educador deve disponibilizar, “em diferentes áreas da sala, materiais diversificados que criem oportunidades de contagem e operações sobre quantidades” (p. 77).

2.3.6. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Quadro 9 - Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Escola:		Estagiária: Fabiana Margarida Cordeiro Lucas	
Orientador (a) cooperante:		Ano: 1º	Turma: MEPE
Faixa etária: 4 anos		Nº: 8	
Data: 15 de novembro de 2016			
ÁREA/DOMÍNIO: Conhecimento do Mundo			
Hora	Componentes/Conteúdos	Estratégias	Recursos
11h - 12h	<ul style="list-style-type: none"> • Hábitos de Higiene: <ul style="list-style-type: none"> • Regras e cuidados durante o banho; • A importância do banho 	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar o espaço, sentar os alunos em semi-círculo no salão; • Mostrar algumas imagens alusivas à higiene passando as mesmas pelos alunos, e conversar sobre o que estão a observar; • Conversar sobre o que estão a observar; • De seguida, explicar aos alunos a atividade que iremos realizar; • Colocar no meio uma banheira com água e todos os objetos necessários para realização do banho; • Simular com o auxílio dos alunos, um banho. • Dialogar com os alunos sobre as regras a ter durante o banho e sobre a importância de tomar banho; 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagens; • Banheira; • Nenuco; • Champô; • Gel de banho; • Toalha;

Fundamentação teórica

O quadro 9 refere-se a uma atividade realizada com crianças de 4 anos de um grupo da escola B. A atividade insere-se na área do Conhecimento do Mundo. Os componentes abordados integram-se nas Orientações Curriculares, pois segundo Silva *et al.* (2016),

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos, instrumentos e máquinas do seu quotidiano. (p. 88)

Iniciei esta atividade com as crianças sentadas em semicírculo, no salão. De seguida, mostrei algumas imagens em A3 sobre o tema abordado “A higiene” e essas imagens foram passando por todas as crianças, para que pudessem observar.

Fui perguntando o que observaram nas imagens e como era feita a sua higiene antes de chegarem à escola. Continuei a atividade, explicando ao grupo de crianças que iríamos simular o banho para que, percebessem quais os objetos necessários para utilizarem no mesmo.

Coloquei uma banheira com água no meio, para que todas as crianças observassem e com a ajuda das mesmas simulámos o banho. Levei também um boneco e todos os utensílios que usamos diariamente no banho: shampoo, gel de banho e toalha.

Foram as crianças que simularam o banho. De seguida, limparam o boneco, colocaram creme e vestiram-no.

Terminei a atividade dialogando com as crianças sobre as regras a ter durante o banho e a sua importância.

Como referem Lemos e Maia (2003, p. 36), “os cuidados de higiene podem evitar a disseminação de algumas doenças”, ajudando as crianças a crescerem mais saudáveis.

CAPÍTULO 3 – AVALIAÇÃO

3.1. Descrição de capítulo

Neste capítulo apresento três dispositivos de avaliação, realizados em áreas/ domínios diferentes e junto de faixas etárias diferentes. Estes dispositivos foram implementados por mim durante o estágio.

Após uma breve fundamentação teórica sobre a importância da avaliação diagnóstica e formativa na Educação Pré-Escolar, começarei por contextualizar a proposta de trabalho no Domínio da Matemática, seguindo-se a grelha de parâmetros e critérios, a análise dos resultados, bem como as conclusões a que cheguei. Seguem-se os mesmos procedimentos para a Área do Conhecimento do Mundo e para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Nos casos do Domínio da Matemática e do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a avaliação foi feita através de observação. Já na Área do Conhecimento do Mundo a avaliação da atividade foi feita através de uma proposta de trabalho. Assim, em anexo encontram-se as três grelhas de avaliação e a proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é, como refere Arends (1995, p. 228), “uma função desempenhada pelo professor com o objetivo de recolher a informação necessária para tomar decisões corretas (...). Estas decisões deveriam ter na sua base informações o mais relevantes e exactas possível”.

Zabalza (1994) revela que existem duas opiniões distintas dos docentes acerca do tema da avaliação: uns acham que avaliação é uma esfera educativa onde se concentram todos os males, porque “é repressiva, é um instrumento de poder, aliena o aluno, é memorística, reflecte um estilo conservador e autoritário de ensinar, provoca efeitos muito negativos na personalidade e desenvolvimento intelectual das crianças” (p. 219); outros docentes consideram a avaliação como um método para controlar o sistema instrutivo e entendem que, se esta não existisse, não seria possível “manter a ordem na aula, nem apreciar os resultados dos processos instrutivos, nem classificar os alunos” (p. 228).

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, a avaliação na Educação Pré-Escolar assenta na avaliação diagnóstica e na avaliação formativa. A avaliação diagnóstica é feita “no início do ano letivo” e tem como objetivo a “caracterização do grupo e de cada criança”. Com esta avaliação pretende-se conhecer “o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da ação educativa.” Ainda segundo esta Circular, a avaliação formativa é um processo integrado que “implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo. Incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação de ação”.

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização da atividade

A atividade realizada aconteceu no dia 13 de janeiro de 2016, com um grupo de 25 crianças com 3 anos de idade, na escola B. A referida atividade está inserida na área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Matemática.

A atividade consistiu numa proposta de trabalho, cujo objetivo era que as crianças construíssem uma figura com o material Blocos Lógicos, tendo em conta a forma e a cor.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta atividade foram estipulados os três parâmetros de avaliação a seguir apresentados:

1.º Reconhecimento e identificação formas geométricas

Neste parâmetro, avalei se as crianças reconheciam e identificavam as seguintes formas geométricas: quadrado, triângulo, retângulo e círculo. Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Reconheceu e identificou as quatro formas;
- Reconheceu e identificou três formas;

- Reconheceu e identificou duas formas;
- Reconheceu e identificou uma forma;
- Não reconheceu.

2.º **Recriação das imagens indicadas utilizando as figuras geométricas**

Neste parâmetro avaliei se as crianças recriavam o pretendido. Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Recriou as imagens indicadas utilizando as formas geométricas;
- Não recriou as imagens indicadas utilizando as formas geométricas.

3.º **Conhecimento das cores do material**

Neste parâmetro avaliei se as crianças conheciam as cores do material. Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Conheceu as 3 cores;
- Conheceu duas cores;
- Conheceu uma cor;
- Não conheceu.

Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade do Domínio da Matemática

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	Reconhecimento e identificação das formas geométricas	Reconhece e identifica as 4 formas	4	4
		Reconhece e identifica 3 formas	3	
		Reconhece e identifica 2 formas	2	
		Reconhece e identifica 1 forma	1	
		Não reconhece	0	
2	Recriação das imagens indicadas utilizando as figuras geométricas	Recriou as imagens indicadas utilizando as figuras geométricas	3	3
		Não recriou as imagens utilizadas utilizando as figuras geométricas	0	
3	Conhecimento das cores do material	Conheceu as 3 cores do material	3	3
		Conheceu 2 cores do material	2	
		Conheceu 1 cores do material	1	
		Não conheceu as cores do material	0	
Total				10

3.3.3. Apresentação e análise de resultados

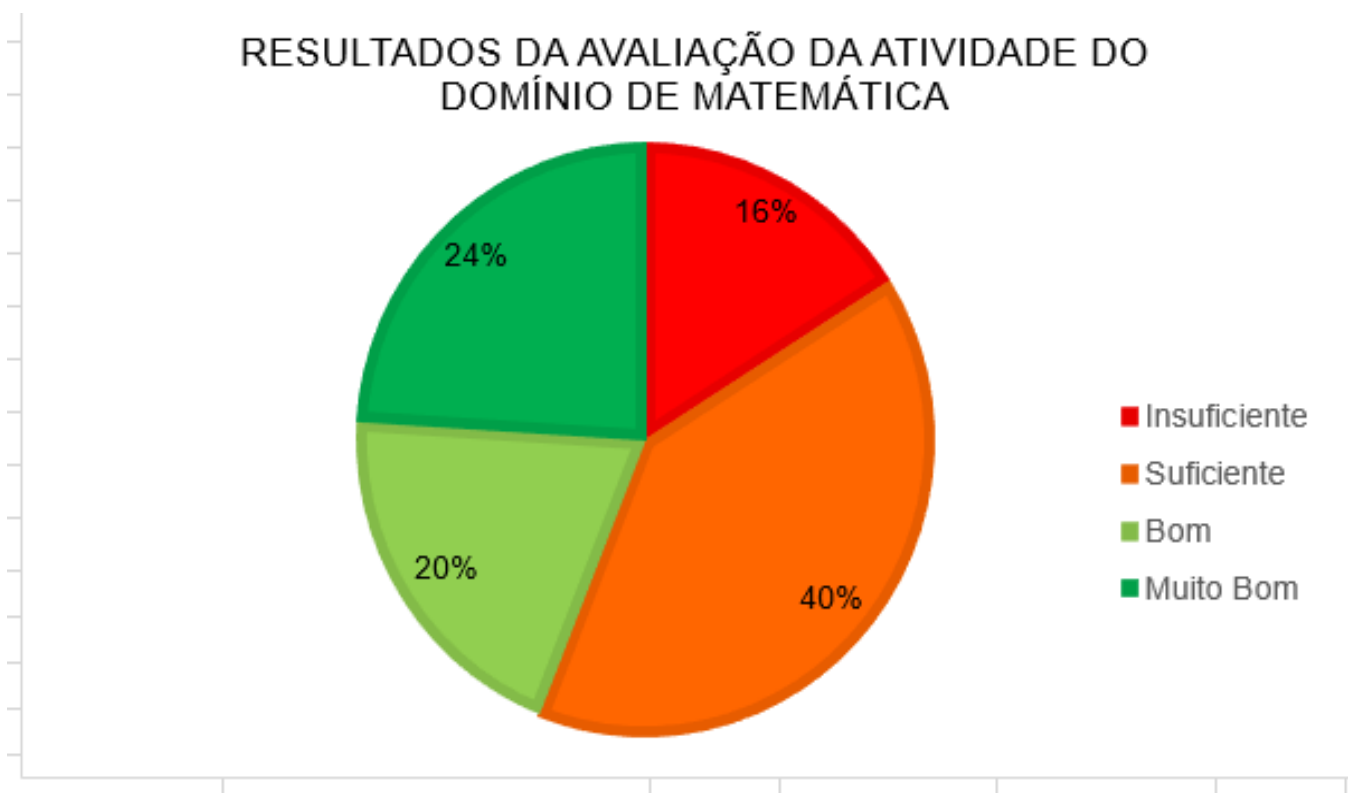


Figura 1 – Resultados da avaliação da observação do Domínio da Matemática

A partir da leitura da grelha de avaliação desta atividade (v. Anexo 1) e do gráfico referente à mesma (Figura 1), conclui-se que 10 crianças em 25 (ou seja, 40%) obtiveram Suficiente. A média do grupo de alunos é de 6,64 pontos em 10, portanto, em termos qualitativos a média é de Suficiente.

A percentagem mais baixa foi obtida por 4 crianças (o que equivale a 16%) e corresponde à avaliação de Insuficiente.

Das 25 crianças do grupo, 5 apresentam a avaliação de Bom (correspondente a 20%) e 6 apresentam a avaliação de Muito Bom (que equivale a 24%).

Posso assim concluir que a maioria da turma apresenta a avaliação de Suficiente, o que pode ser justificado com um grupo maioritário de crianças que apresenta dificuldades tanto no reconhecimento e identificação de figuras geométricas, como também na associação e conhecimento de cores.

De acordo com Silva *et al.* (2016):

As crianças são sensíveis à forma a partir do primeiro ano de vida, começando por distinguir formas diferentes. (...) Este processo desenvolve-se a partir da observação e manipulação de objetos com diversas formas geométricas, de modo a que, progressivamente, as crianças analisem as características das formas geométricas, aprendendo depois a diferenciar, nomear e identificar as suas propriedades. (p. 80)

A educadora do grupo, para combater estas dificuldades, deve realizar mais propostas de trabalho relacionadas com este conteúdo, bem como diversificar as estratégias de ensino para cativar o interesse das crianças.

3.4. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

3.4.1. Contextualização da atividade

A atividade realizada, inserida na Área do Conhecimento do Mundo, aconteceu no dia 19 de setembro de 2016, na escola A, com um grupo composto por 25 crianças, com 4 anos de idade.

A proposta de trabalho entregue às crianças continha duas páginas A4 de exercícios (v. Anexo 2).

Na primeira página, havia quatro imagens: a primeira com um menino a lavar as mãos; uma seguinte com uma personagem a pentear o cabelo; a terceira ilustração com uma menina a tomar duche, e uma última imagem com um menino a lavar os dentes. Pretendia-se que as crianças colocassem uma cruz nas imagens que ilustrassem o que deveriam fazer depois das refeições.

A segunda página apresentava, à esquerda três objetos (um shampoo, uma escova de dentes, um sabonete) e à direita a ilustração de um menino a lavar as mãos, de outro menino a lavar o cabelo e de um terceiro com uma pasta dos dentes na mão. Pretendia-se que as crianças fizessem a correspondência das imagens. Pedia-se ainda que estas seis imagens fossem pintadas, averiguando-se, desta forma, a motricidade fina.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta atividade foram estabelecidos os seguintes parâmetros de avaliação:

1.º Identificação das rotinas depois das refeições

Neste parâmetro pretendi avaliar se as crianças assinalavam corretamente as imagens. Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Identificou duas imagens;
- Identificou 1 imagem;
- Não identificou.

2.º Conhecimento de rotinas de higiene pessoal

Neste parâmetro pretendi avaliar se as crianças conheciam uma das rotinas de higiene pessoal. Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Conheceu todos os objetos;
- Conheceu 2 objetos;
- Conheceu um objeto;
- Não conheceu.

3.º Motricidade fina:

Neste parâmetro, pretendi avaliar se a criança respeitava o contorno das imagens. Este parâmetro tem os seguintes critérios:

- Respeitou todas as imagens;
- Respeitou algumas imagens;
- Não respeitou.

Quadro 11 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade da área do Conhecimento do Mundo

	Parâmetros	Crítérios		Cotação
1	Identificação das rotinas depois das refeições	Identificou as 2 imagens	4	4
		Identificou 1 imagens	2	
		Não identificou as imagens	0	
2	Conhecimento de rotinas de higiene pessoal	Conheceu todos os objetos	3	3
		Conheceu 2 objetos	2	
		Conheceu 1 objeto	1	
		Não conheceu nenhum objeto	0	
3	Motricidade Fina	Pinta todas as imagens respeitando o contorno	3	3
		Pinta algumas imagens respeitando o contorno	1	
		Não respeita o contorno de nenhuma imagem	0	
Total				10

3.4.3. Apresentação e análise de resultados

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DA ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO

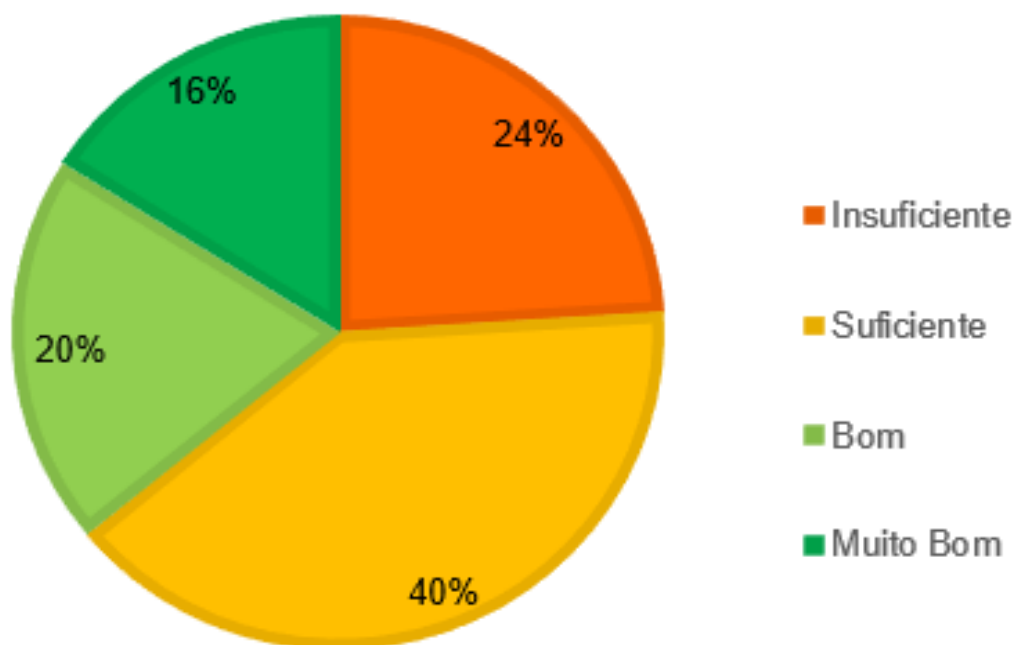


Figura 1 – Resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Com base na leitura da grelha de avaliação (v. Anexo 3) e do gráfico referente a avaliação desta atividade (Figura 2), verifico que a média deste grupo é de 6,24 em 10 pontos, o que corresponde à avaliação de Suficiente. 10 em 25 crianças (40%) obtiveram esse resultado.

A percentagem mais baixa corresponde à avaliação de Insuficiente, equivalente a 24%, isto é, 6 em 25 crianças.

Das 25 crianças, 5 obtiveram a classificação de Bom o que corresponde a 20%, e 4 crianças tiveram a avaliação de Muito Bom, que equivale a 16%.

Face aos resultados, verifico que a maioria da turma apresenta uma classificação de Suficiente, o que pode ser justificado com a pouca informação que é passada às crianças sobre esta temática.

Para limar estas arestas, a educadora deve adotar estratégias que cativem a atenção por parte das crianças e recorrer a objetos/ materiais do quotidiano para exemplificar os temas abordados. Zabalza (1998) defende que uma sala de Educação Infantil “deve ser, antes de mais nada, um cenário muito estimulante, capaz de facilitar

e sugerir múltiplas possibilidades de ação. Deve conter materiais de todos os tipos e condições, comerciais e construídos” (p. 53). É assim importante haver materiais estimulantes na sala para que as crianças fiquem interessadas pelo que estão a observar ou a realizar.

3.5. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.5.1. Contextualização da atividade

A atividade realizada aconteceu no dia 27 de março de 2017, com um grupo composto por 25 crianças com 5 anos de idade, na escola C. A referida atividade está inserida no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A atividade consistiu na seguinte proposta de trabalho: cada criança recebeu uma folha, A4, plastificada, com três ilustrações (um pato, uma galinha e um papagaio). O objetivo desta atividade era que as crianças, recorrendo às letras móveis (existentes na sala), escrevessem o nome do animal da ilustração e o lessem.

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta atividade foram estabelecidos os seguintes parâmetros de avaliação:

1.º Identificação das imagens

Neste parâmetro, pretendi avaliar se as crianças identificavam as imagens. Este parâmetro tem os seguintes critérios de avaliação:

- Identifica as três imagens;
- Identifica duas imagens;
- Identifica uma imagem;
- Não identifica.

2.º Produção de escrita de palavras

Neste parâmetro pretendi avaliar se as crianças produziam a escrita das palavras. Este parâmetro tem os seguintes critérios de avaliação:

- Escreve as três palavras;
- Escreve duas palavras;
- Escreve 1 palavra;
- Não escreve.

3.º Leitura das palavras

Neste parâmetro pretendi avaliar se as crianças liam as palavras escritas por elas. Este parâmetro tem os seguintes critérios de avaliação:

- Lê as três palavras;
- Lê duas palavras;
- Lê uma palavra;
- Não lê.

Quadro 12 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da atividade do domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	Identificação das imagens	Identificou as 3 imagens	2	2
		Identificou 2 imagens	1	
		Identificou 1 imagem	0,5	
		Não identificou as imagens	0	
2	Produção de escrita de palavras	Escreve as 3 palavras	5	5
		Escreve 2 palavras	3	
		Escreve 1 palavra	1	
		Não conheceu nenhum objeto	0	
3	Leitura de palavras	Lê as 3 palavras	3	3
		Lê 2 palavras	2	
		Lê 1 palavra	1	
		Não lê nenhuma das palavras	0	
Total				10

3.5.3. Apresentação e análise de resultados

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DO DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA

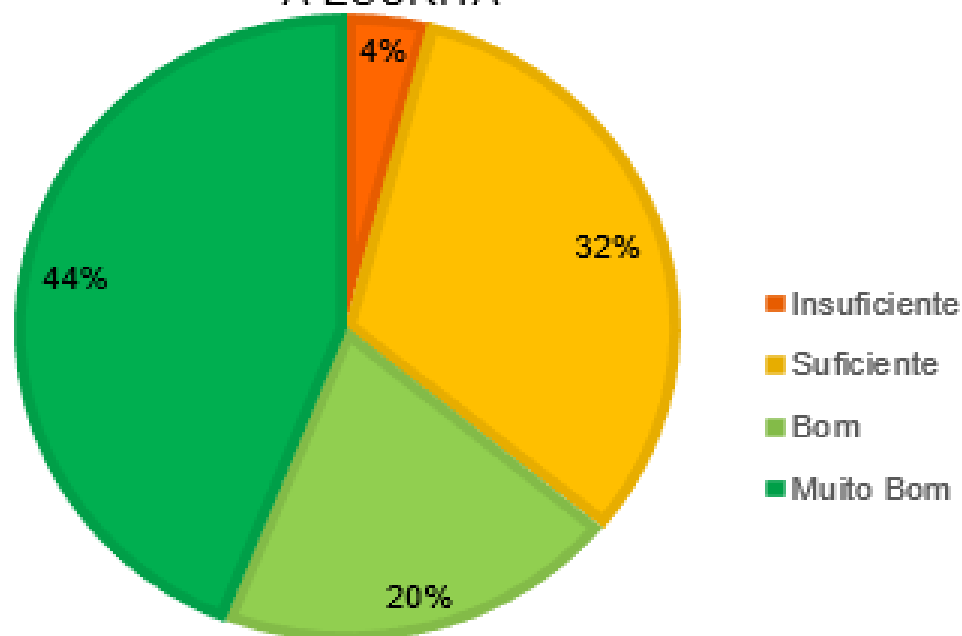


Figura 2 – Resultados da avaliação da observação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A partir da leitura da grelha de avaliação da atividade do domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (v. Anexo 4) e do gráfico acima apresentado (Figura 3) referente à mesma, concluo que a média deste grupo de alunos é de 8,3 pontos em 10, o que equivale a Bom. Foram 5 as crianças, em 25 (ou seja, 20%), que obtiveram esta avaliação.

Uma em 25 crianças (ou seja, 4%) teve a avaliação mais baixa, Insuficiente. Por outro lado, a classificação mais alta, Muito Bom, foi atingida por 11 das 25 crianças (o que equivale a uma percentagem de 44%). Finalmente, 8 crianças obtiveram a avaliação de Suficiente o que corresponde a 32%.

Posso assim dizer que, apesar de a média da turma ser de Bom, existem ainda crianças que revelam dificuldades, tanto na produção escrita de palavras, como na leitura de palavras, o que fica demonstrado com a avaliação de Insuficiente tida por 1 criança e de Suficiente tida por 8 crianças.

Silva *et al.* (2016, p. 67) defendem que o papel do educador é fundamental para a criança trabalhar e compreender a escrita e este deve “(...) proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levem a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo também a emergência dos conhecimentos sobre o código escrito e as suas convenções.”

Com estas crianças, a educadora deverá optar por estratégias que englobem mais atividades escritas, como ditados e cópias, de modo a incentivar a prática de escrita e, conseqüentemente, alargar o léxico.

CAPÍTULO 4 – PROJETO “HORTA NA ESCOLA”

4.1. Fundamentação Teórica

Os seres humanos só conseguem sobreviver graças à natureza, pois usamos os animais e plantas para nos alimentar, água para beber e tomar banho, e muitos outros recursos de que nem nos apercebemos. Quando se pretende trabalhar meio ambiente em contexto escolar e fazer da escola um espaço sustentável, é comum achar que isso implica reformas na estrutura física do prédio e altos investimentos. No fundo, não é bem assim. O fundamental é permitir que os alunos incorporem, no seu quotidiano, atitudes voltadas para a preservação dos recursos naturais.

Preservar o meio ambiente é fundamental para manter a saúde do planeta e de todos os seres vivos que moram nele. Segundo Legan (2006, p. 26), as crianças precisam iniciar, desde cedo, um processo de aprendizagem por via do qual apreciem “caminhos alternativos”, pensem “criativamente e criticamente”, desenvolvam “um senso positivo de urgência”. Não adianta fazer um projeto de combate ao desperdício da água e deixar torneiras a vazar ou mangueiras abertas no jardim da escola.

O maior desafio dos educadores do século XXI é adequar-se à maneira como as crianças pensam, para que o conteúdo seja absorvido de maneira satisfatória. Uma boa estratégia é trazer a prática para a aula. Deste modo, a teoria passada em sala ganha exemplos reais e deixa de ser abstrata. A educação ambiental é um dos tópicos mais importantes a serem absorvidos pelas crianças; há, portanto, que explorar a sua relação com a natureza e pensar os impactos que as suas ações podem causar, num sentido ecológico. É aqui que projetos de cultivo de uma horta escolar se inserem, pois aproximam as crianças da realidade, fazendo com que criem hábitos sustentáveis e ecologicamente corretos.

Assim, a minha proposta de um projeto a trabalhar com crianças de 5 anos de idade é a de criação de uma horta de plantas medicinais e aromáticas na escola.

A horta servirá como objeto de estudo interdisciplinar. Podem ser discutidos temas como a alimentação, a nutrição e a ecologia que, aliados ao trato com a terra e com as plantas, gerem situações de aprendizagem reais e diversificadas. Assim, há que dar o máximo de responsabilidade às crianças, inserindo-as nas discussões sobre o rumo do projeto e cuidados com as plantas.

Entre os benefícios alcançados com um projeto de cultivo de uma horta escolar, destacam-se a produção e o consumo de alimentos naturais pelas crianças (no caso deste projeto, no consumo de ervas aromáticas), atividades ligadas à culinária na escola, troca de conhecimentos, inserção de assuntos como a saúde, a economia doméstica, a influência nas escolhas alimentares das crianças, além de se apresentar, na prática, as consequências que as ações do homem têm em relação ao meio ambiente.

As hortas também podem ajudar a inserir a comunidade, trazendo para o projeto os pais e outros familiares das crianças. Estas servem de multiplicadoras, porque levam o que aprendem na escola para casa e, deste modo, a influência do trabalho feito na horta não se restringe à escola. O resultado do projeto horta na escola são crianças mais conscientes que levam para a vida ensinamentos ecológicos, amplificando a necessidade de uma mudança de postura que é preciso implantar na sociedade em relação à natureza.

4.2. As plantas medicinais e aromáticas

Como nos explica Forey e Lindsay (2000, pp. 8 e ss.), a qualidade das plantas medicinais e aromáticas é obtida durante o processo produtivo (pré-colheita) – desde a identificação botânica, escolha do material vegetal, época e local de plantação, tratamentos culturais, determinação da época de colheita e cuidados na colheita, de modo a garantir a maior qualidade para o produto. Não é possível melhorar esta qualidade através do processamento pós colheita, mas, sim e tão só, minimizar as suas perdas. A pós-colheita de um produto agrícola é o conjunto de processos que visam preservar a qualidade do produto adquirido através das técnicas adequadas, de forma a aumentar o período de conservação deste produto.

A produção de plantas medicinais e aromáticas apresenta aspectos técnicos que podem definir a sua viabilidade económica. O produto agrícola (planta medicinal, aromática ou condimentar), matéria-prima para a indústria farmacêutica e/ ou alimentar, em geral, é processado em locais distantes do seu cultivo, podendo o produto ser armazenado para depois ser processado durante um período de tempo após a sua colheita.

Sendo assim, a secagem representa uma operação amplamente utilizada. Porém, as condições variam de acordo com a infraestrutura de cada propriedade, muitas vezes comprometendo a qualidade do produto no final de seu processo

produtivo. Portanto, o processamento pós-colheita envolve: a colheita, observando-se uso de mão-de-obra e equipamentos adequados; a separação da parte de interesse, eliminando-se partes deterioradas e materiais estranhos; o processo da secagem; nova separação do produto; a embalagem e o armazenamento.

Segundo Forey e Lindsayr (2000, pp. 8 e ss.), na pré-colheita, de nada adianta observar que os procedimentos durante a colheita e o processamento pós-colheita sejam adequados (no sentido de se preservar a qualidade do material vegetal), se, durante o processo produtivo (pré-colheita), não se verificam os mesmos cuidados. Além da correta identificação botânica, é necessária a escolha de genótipos superiores que produzam grande quantidade de fitomassa e altos teores de princípios ativos ou complexos ativos.

A definição do local e da época de plantação também são fundamentais para se obter o máximo de rendimento de fitomassa e de substâncias bioativas. Os fatores do ambiente que mais afetam o crescimento e o desenvolvimento das plantas são o fotoperíodo, a radiação e a temperatura.

Já na colheita, referem, também, as autoras acima mencionadas, os equipamentos utilizados e o acondicionamento para o transporte das plantas devem estar limpos e em boas condições. A colheita deve garantir ao produto o mínimo de partículas de solo, não devendo ser colocado em contacto com o chão. Após a colheita, deve-se separar todo material estranho (como insetos, partes de outras plantas), além de partes da própria planta destruídas por pragas ou doenças, sendo o material de interesse colocado no local de secagem.

4.3. Trabalho Projeto

TÍTULO DO PROJETO

“Criação de uma horta de plantas medicinais e aromáticas na escola”

1ª FASE: SENSIBILIZAÇÃO

Esta fase de planeamento do projeto vai ser realizada com o intuito de as crianças criarem uma planta em casa.

2ª FASE: EXPERIMENTAÇÃO

Esta fase de planeamento do projeto vai ser realizada com o intuito de as crianças criarem uma horta na escola.

3ª FASE: EXPERIÊNCIAS

Esta fase de planeamento do projeto vai ser realizada com o intuito de as crianças realizarem diferentes experiências com a utilização das plantas da horta.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

PROBLEMA

Importância do estudo da natureza na escola?

Problemas parcelares

Que plantas aromáticas e medicinais existem?

Destas plantas, quais podem ser plantadas em escolas?

Qual a importância deste tipo de plantas na educação infantil?

Que benefício traz para o seu desenvolvimento enquanto ser humano?

DESTINATÁRIOS

Este projeto tem como destinatários crianças de 5 anos de idade, que se encontram a frequentar o último ano do ensino pré-escolar.

ENTIDADES ENVOLVIDAS

Escola onde se irá realizar o projeto (escola localizada na zona de Vila Franca de Xira), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Quinta pedagógica dos Olivais (programa de criação e plantação de hortas)

Quinta Municipal da Piedade

MOTIVAÇÃO E NEGOCIAÇÃO

Este projeto tem não só como alvo as crianças da turma de 5 anos, mas também, a sensibilização de todo o pessoal docente e não docente da escola em questão.

A sensibilização com os alunos será através de experiências e atividades de pesquisa.

A sensibilização aos adultos será feita através de reuniões e de confronto de resultados de dois inquéritos.

OBJETIVOS

Objetivos gerais:

- Promover a interdisciplinaridade;
- educar para a educação ambiental;
- sensibilizar as crianças acerca da importância de diferentes tipos de plantas tanto na nossa alimentação como na nossa saúde;
- criar valores nas crianças de sensibilização para a plantação;
- inculzir diferentes valores ecológicos.

Objetivos específicos:

- Desenvolver o espírito crítico;
- promover a vida em sociedade;
- inculzir valores e atitudes;
- promover a cooperação e a interajuda;
- inculzir valores ecológicos no que diz respeito à criação de uma horta.

PLANEAMENTO

1ª fase - Sensibilização

Esta fase de planeamento do projeto vai ser realizada com o intuito de as crianças criarem uma planta em casa:

- Através de imagens explicar do que são plantas aromáticas e medicinais;
- conto, pela educadora, da história “A sementinha”;
- cada criança leva para casa uma semente que tem de plantar e trazê-la no fim do ano letivo; esta semente será ou de uma planta aromática ou medicinal;
- visita às duas quintas referidas nas entidades envolvidas;
- levantamentos dos hábitos/ tradições do cultivo e do uso de plantas aromáticas e medicinais pela população local;
- pesquisa, seleção e tratamento e divulgação de informação sobre as plantas medicinais e aromáticas.

2ª fase - Criação de uma horta na escola

Criação de uma horta:

- 3 tipos de plantas medicinais;
- 3 tipos de plantas aromáticas;
- As crianças têm de cuidar das plantas diariamente, para isso será feita uma escala para determinar quem vai regar a horta em cada dia;
- elaboração de placas com a identificação e caracterização geral das plantas cultivadas e afixação junto das mesmas.

3ª fase - Experiências

Realização de diferentes experiências com a utilização das plantas da horta:

- Vamos fazer um perfume;
- aromas, substâncias voláteis e misturas;
- realização de uma feira de plantas;
- organização de um pequeno herbário, com plantas aromáticas e medicinais;
- realização de uma atividade “Laboratório Aberto” subordinado ao tema “As plantas aromáticas e medicinais”.

RECURSOS

Humanos

- Pessoal docente;
- pessoal não docente;
- pessoal presente nas quintas;
- pais/ encarregados de educação e/ou outros familiares;
- pessoas que foram entrevistadas acerca do uso, ou não, de plantas aromáticas e medicinais.

Materiais

- Computadores;
- imagens;
- autocarro (para a realização da visita de estudo);
- local para a realização da horta;
- terra;
- pás;
- regadores;
- sementes;
- volume com história da sementinha;
- materiais necessários às experiências.

PRODUTO FINAL

- Horta

AValiação

Processo

Feito através de fichas de observação das crianças (v. Anexo 5).

Produto Final

Inquérito escrito aos pais (v. Anexo 6) e elaboração de uma ficha a completar pelas crianças (v. Anexo 7).

CALENDARIZAÇÃO

Este projeto terá a duração de um ano letivo, o contacto com as crianças começará em meados de setembro.

Quadro 13 – Calendarização prevista para a realização do projeto

Tarefa	Mês									
	Set	Out	Nov	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Motivação e negociação	X			X			X			
Entidades envolvidas	X			X				X		
Sensibilização	X	X	X							
Criação e manutenção da horta			X	X	X	X	X	X	X	X
Experiências						X	X	X	X	X
Avaliação do processo	X	X	X	X	X	X	X	X		
Avaliação do produto final										X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Nóvoa (1992, p. 28), a formação dos docentes “passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas”; nesta linha de raciocínio, refere ainda este autor que os docentes “têm de se assumir com produtores da sua profissão”. Ao ter tido oportunidade de fazer um estágio nas três escolas de Lisboa, ao longo de dois anos letivos e, em simultâneo, ter podido investigar e estudar temas relacionados com a prática docente, possibilitou-me uma outra forma de olhar para a profissão de Educadora de Infância.

Alarcão, citado em Santos (2011), diz-nos que o docente

(...) não deve desenvolver uma conceção de privilégio unilateral da razão e da reflexão enquanto ‘únicos motores da formação’, mas sim atribuir igualmente um papel ao que decorre da vida, ao saber, às emoções, aos sentimentos, às intuições, ou, de um modo geral às vivências. (p. 227)

A realização deste estágio contribuiu para uma etapa bastante importante para a minha formação profissional, pois permitiu-me uma articulação contínua entre a teoria e a prática, sendo que só através desta articulação é possível tomar consciência da realidade educativa. Foi, assim, muito produtivo para mim.

A prática deve ser considerada como fonte de conhecimento através da experimentação e reflexão, como momento determinante de interiorização de competências, enquanto conjunto articulado de saberes, fazeres e atitudes.

Ao longo do estágio, pude tomar consciência plena de que as diferentes faixas etárias são totalmente diferentes, bem como que, para cada uma delas, existe um grau de maturação específico e, por consequência, há que planear e levar à prática diferentes atividades para cada uma delas.

É neste momento em que finda o nosso Estágio Profissional que devemos refletir e retirar conclusões sobre o todo o trabalho desenvolvido. Este Relatório, apesar de incidir sobre o estágio, acaba por abarcar os conhecimentos e aprendizagens adquiridas ao longo de todo o processo de formação, de licenciatura e de mestrado.

Em suma, foi sem dúvida um estágio gratificante, onde aprendi muitas coisas e vivenciei momentos que, se não tivesse contacto com esta realidade educativa, não saberia como lidar com ela futuramente.

Assim, todos os momentos foram importantes para a minha futura vida profissional. Levo, por isso, esta experiência para a vida profissional e tenho consciência de que cresci e cresço aprendendo e construindo os conhecimentos necessários a uma prática letiva com sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Astolfi, J. P.; Darot, E.; Ginsburger-Vogel, Y., & Toussaint, J. (2000). *Práticas de formação em didáctica das ciências*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril. Consultado em http://www.drec.min-edu.pt/repositorio/CIRCULAR4_DGIDC_AvaliacaoEPE.pdf
- Craidy, C., & Kaercher, G. E. (2001). *Educação infantil – para que te quero?* Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, C. C. A. (2011). Relatório de Estágio: o uso de materiais manipuláveis estruturados na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico (Relatório de Mestrado). Açores: Universidade dos Açores/ Departamento de Ciências da Educação.
- Flores, M. A., & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo, Lda.
- Forey, P., & Lindsay, R. (2000). *Plantas medicinais e aromáticas*. Lisboa: Paralelo Editora.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.
- Jesus, J. M. S. (2012). *Expressão físico motora*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Legan, L. (2006). *A escola sustentável. Eco-alfabetizando pelo ambiente*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: ‘um mundo de verdura’ a não perder”. In O. Sousa & A. Cardoso (eds.). *Desenvolver competências na língua portuguesa*. Lisboa: CIEE da ESE de Lisboa; pp. 55-73.

- Marques, I. (2016). *Perceção sensorial*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Gestão.
- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus* (Dissertação de Doutoramento). Universidad de Málaga, Facultad de Ciências de la Educación. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.
- Santos, S. (2011). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem* (Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral de Educação.
- Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola* (2.^a ed.). Porto: ASA.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artemed.

ANEXOS

ANEXO 1

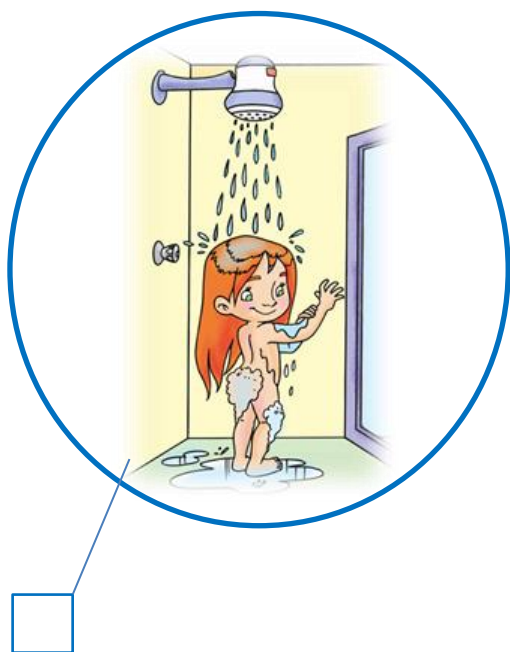
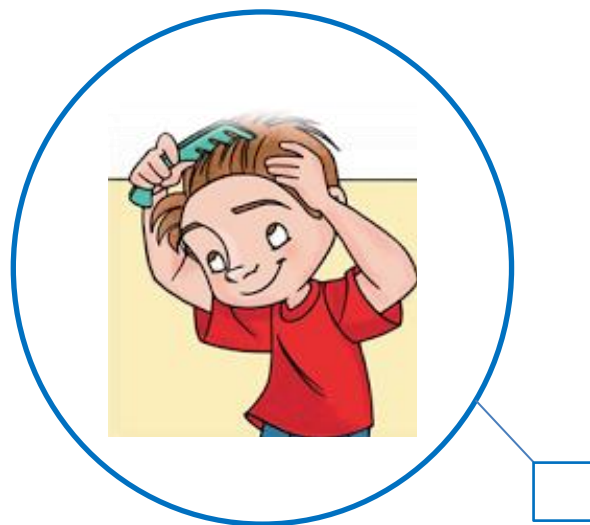
Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Matemática					
Parâmetros	nº 1	nº 2	nº 3	Total	Resultado de avaliação
Cotações	4	3	3	10	
Crianças					
1	4	3	3	10	Muito Bom
2	3	3	2	8	Bom
3	2	3	3	8	Bom
4	4	3	3	10	Muito Bom
5	2	0	3	5	Suficiente
6	0	3	3	6	Suficiente
7	0	0	3	3	Insuficiente
8	3	3	1	7	Suficiente
9	1	3	2	6	Suficiente
10	4	3	3	10	Muito Bom
11	3	3	3	9	Muito Bom
12	2	3	2	7	Suficiente
13	1	0	3	4	Insuficiente
14	0	3	2	5	Suficiente
15	0	3	1	4	Suficiente
16	0	0	0	0	Insuficiente
17	2	0	3	5	Suficiente
18	4	3	3	10	Muito Bom
19	3	3	2	8	Bom
20	2	3	3	8	Bom
21	4	3	2	9	Muito Bom
22	0	3	3	6	Suficiente
23	0	0	3	3	Insuficiente
24	4	3	1	8	Bom
25	1	3	3	7	Suficiente

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

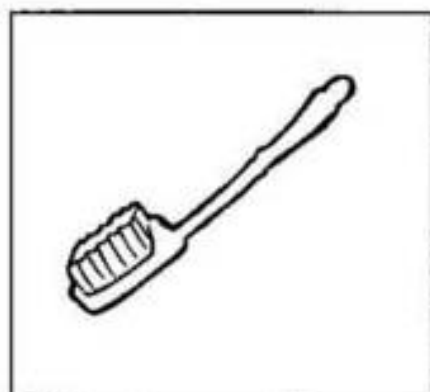
Hábitos de Higiene

ANEXO 2

✏ Faz uma cruz (X) nas figuras que representam o que deves fazer depois das refeições.



 Faz corresponder o objeto à imagem correta e pinta.



ANEXO 3

Grelha de avaliação da atividade da área do Conhecimento do Mundo					
Parâmetros	n.º1	n.º2	n.º3	Total	Resultado de avaliação
Cotações	4	3	3	10	
Crianças					
1	4	2	1	7	Suficiente
2	2	3	1	6	Suficiente
3	0	3	0	3	Insuficiente
4	4	1	3	8	Bom
5	0	1	1	2	Insuficiente
6	4	3	3	10	Muito Bom
7	2	2	3	7	Suficiente
8	4	1	0	5	Suficiente
9	0	3	3	6	Suficiente
10	2	3	1	6	Suficiente
11	4	3	3	9	Muito Bom
12	2	2	1	5	Suficiente
13	4	2	1	7	Suficiente
14	2	3	3	8	Bom
15	0	1	1	2	Insuficiente
16	2	4	1	7	Suficiente
17	4	3	1	8	Bom
18	0	1	0	1	Insuficiente
19	4	3	3	10	Muito Bom
20	2	3	3	8	Bom
21	4	2	1	7	Suficiente
22	2	2	0	4	Insuficiente
23	2	1	0	3	Insuficiente
24	4	2	3	9	Muito Bom
25	4	3	1	8	Bom

ANEXO 4

Grelha de avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita					
Parâmetros	n.º 1	n.º 2	n.º 3	Total	Resultado de avaliação
Cotações	2	5	3	10	
Crianças					
1	2	5	3	10	Muito Bom
2	2	3	2	7	Suficiente
3	2	3	2	7	Suficiente
4	2	3	2	7	Suficiente
5	2	5	3	10	Muito Bom
6	2	1	0	3	Insuficiente
7	2	5	3	10	Muito Bom
8	2	5	3	10	Muito Bom
9	2	5	3	10	Muito Bom
10	2	5	3	10	Muito Bom
11	2	3	1	6	Suficiente
12	2	3	2	7	Suficiente
13	2	5	3	10	Muito Bom
14	0	5	3	8	Bom
15	0,5	5	3	8,5	Bom
16	2	5	1	8	Bom
17	2	3	2	7	Suficiente
18	2	3	3	8	Bom
19	2	5	3	10	Muito Bom
20	1	5	2	8	Bom
21	2	3	2	7	Suficiente
22	2	5	3	10	Muito Bom
23	2	3	2	7	Suficiente
24	2	5	2	9	Muito Bom
25	2	5	3	10	Muito Bom

ANEXO 6

Inquérito aos pais:

1. Idade:

2. O seu filho alguma vez lhe falou do projeto de criação de uma horta?
Sim Não

3. Considera este projeto importante para o desenvolvimento cognitivo do seu filho/a?
Sim Não

4. Considera importante o facto de o seu filho ter levado uma semente para plantar e cuidar em casa?
Sim Não

5. Considera importante o seu filho participar neste tipo de projetos?
Sim Não

ANEXO 7

Realização de uma ficha de avaliação por parte dos alunos.

1. Desenha a planta que levaste para tua casa e semeaste.

